JORNAL DAS MOÇAS

Senhorirta Cisplatina Galvão

FOLHETIM

o 4 o

CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA

IV

Esta scena tornou Emilio frio para mim; eu soffria com isso; procurei tornal-o ao estado anterior; mas não consegui.

Um dia em que nos achavamos a sós, disse-lhe:

— Emilio, se eu amanhã te acompanhasse o que farias?

— Cumpria essa ordem divina.

— Mas, depois?

— Depois? perguntou Emilio com ar de quem estranhava a pergunta.

— Sim, depois, continuei eu; depois quando o tempo volvesse não me havias de olhar com desprezo?

— Desprezo? Não vejo...

— Como não? Que te merecia eu depois?

— Oh! esse sacrificio seria feito por minha causa, eu fôra cobarde se te lançasse isso em rosto.

— Dil-o-hias no teu intimo.

— Juro que não.

— Pois a meus olhos é assim; eu nunca me perdoaria esse erro.

Emilio poz o rosto nas mãos e pareceu chorar. Eu que até alli fallava com esforço, fui a elle e tirei-lhe o rosto das mãos.

— Que é isto? disse eu. Não vês que me fazes chorar tambem?

Elle olhou para mim com os olhos rasos de lagrimas. Eu tinha os meus humidos.

— Adeus, disse elle repentinamente. Vou partir.

E deu um passo para a porta.

— Se me promettes viver, disse-lhe, parte; se tens alguma idéa sinistra fica.

Não sei o que viu elle no meu olhar, mas tomando a mão que eu lhe estendia beijou-a repetidas vezes (eram os primeiros beijos) e disse-me com fogo:

— Fico, Eugenia.

Ouvimos um ruido fóra. Mandei ver. Era meu marido que chegava enfermo. Tinha tido um ataque no escriptorio. Tornára a si, mas achava-se mal. Alguns amigos o trouxeram dentro de um automovel.

Corri para a porta. Meu marido vinha pallido e desfeito. Mal podia andar ajudado pelos amigos.

Fiquei desesperada, não cuidei de mais coisa alguma. O medico que acompanhára meu marido mandou logo fazer algumas applicações de remedios. Eu estava impaciente; perguntava a todos se meu marido estava grave.

Todos me tranquilisavam.

Emilio mostrou-se pezaroso com o acontecimento. Foi a meu marido e apertou-lhe a mão.

Quando Emilio quiz sahir, meu marido disse-lhe:

— Olha, sei que não pode estar aqui sempre; peço-lhe, porém, que venha se puder, todos os dias.

— Pois não, disse Emilio.

E sahiu.

Meu marido passou mal o resto daquelle dia e a noite. Eu não dormi. Passei a noite no quarto.

No dia seguinte estava exhausta. Tantas commoções diversas e uma vigilia tão longa deixaram-me prostada; cedi a força maior. Mandei chamar a prima Elvira e fui deitar-me.

Fecho esta carta neste ponto. Pouco falta para chegar ao termo da minha triste narração.

Até domingo.

VII

A molestia de meu marido durou poucos dias. De dia para dia aggravava-se. No fim de oito dias os medicos desenganaram o doente.

Quando eu recebi esta fatal nova fiquei como louca, e apezar de tudo eu não podia esquecer que elle tinha sido o companheiro da minha vida e a idéa salvadora dos desvios do meu espirito.

Emilio achou-me num estado de desespero. Procurou consolar-me. E não lhe occultei que esta morte era um golpe profundo para mim.

Uma noite estavamos juntos todos, eu, a prima Elvira, uma parenta de meu marido e Emilio. Faziamos companhia ao doente. Este, depois de um longo silencio, voltou-se para mim e disse:

— A tua mão.

E apertando-me a mão com uma energia suprema, voltou-se para a parede.

Expirou.

....

Passaram-se quatro mezes depois dos factos que te contei. Emilio acompanhou-me na dor e foi dos mais assiduos em todas as cerimonias funebres que se fizeram ao meu finado marido.

Todavia, as visitas começaram a escassear. Era, parecia-me, por motivo de uma delicadeza natural.

No fim do prazo que te fallei, soube, por bocca de um dos amigos de meu marido, que Emilio ia partir. Não pude crer. Escrevi-lhe uma carta.

Eu amava-o então, como dantes, mais ainda, agora que estava livre.

Dizia a carta:

"**Emilio**. Constou-me que ias partir. Será possivel? Eu mesma não posso acreditar nos meus ouvidos! Bem sabes se eu te amo. Não é tempo de coroar os nossos votos; mas não faltará muito para que o mundo nos releve uma união que o amor nos impõe. Vem tu mesmo responder-me por bocca. Tua — Eugenia."

Emilio veio em pessoa. Asseverou-me que, se ia partir, era por negocio de pouco tempo, mas que voltaria logo. A viagem devia ter lugar dahi a oito dias.

Pedi-lhe que jurasse o que dizia e elle jurou.

Deixei-o partir.

Dahi a quatro dias recebia a seguinte carta delle:

"Eugenia, menti. Vou partir já. Menti ainda: eu não volto. Não volto porque não posso. Uma união comtigo seria para mim o idéal da felicidade se eu não fosse homem de habitos oppostos ao casamento. Adeus. Desculpa-me, e reza para que eu faça boa viagem. Adeus. — **Emilio**."

Avalias facilmente como eu fiquei depois de ler esta carta. Era um castello que se desmoronava. Em troca do meu amor, do meu primeiro amor, recebia deste modo a ingratidão e o desprezo. Era justo: aquelle amor culpado, não podia ter bom fim; eu fui castigada pelas consequencias mesmo do meu crime.

Mas, perguntava eu, como é que este homem, que parecia amar-me tanto, recusou aquella de cuja honestidade podia estar certo, visto que pôde oppôr uma resistencia aos desejos de seu coração? Isto me pareceu um mysterio. Hoje vejo que não era; Emilio era um seductor vulgar e só se differençava dos outros em ter um pouco mais de habilidade que elles.

Tal é a minha historia. Imagina o que soffri nestes dois annos. Mas o tempo é um grande medico: estou curada.

O amor offendido e o remorso de haver de algum modo trahido a confiança de meu esposo fizeram-me doer muito. Mas eu creio que caro paguei o meu crime e acho-me rehabilitada perante a minha consciencia.

Achar-me-hei perante Deus?

E tu? E' o que me has de explicar amanhã; vinte e quatro horas depois de partir esta carta eu serei comtigo.

Adeus.

FIM

J.

AMOR DE HEROE

O manto escuro da noite tomba mollemente sobre a terra. Nos topes mais ousados das montanhas vacilla a luz tibia e triste do sol que morre. Ao longe, para as bandas do poente, nuvens ensanguentadas tingem o manto azul do céo.

A brisa sopra quasi subtil, affagando carinhosamente os arbustos mais delicados e impregnando o ambiente do odor suave das flores sylvestres que em uma matiz luxuriante recamam a campina immensa e verdejante.

Harry, o joven voluntario, a quem a afflicção da patria, arrancou da aldeia amada, está em seu posto de sentinella um tanto distante do acampamento.

Alli, junto a sua arma amiga, recorda os doces tempos que se foram não ha muito.

A sombra da barauna secular que o abriga desde alguns instantes, docemente lhe recorda o velho castanheiro a cuja sombra ia ter com a formosa Wanda, a rapariga mais gentil da aldeia.

Contempla o manto immenso da campina, que já invadida pelas sombras da noite, perdeu aquelle verde tão mimoso aos olhos.

Elle suspira... e as vezes uma lagrima lhe rola pela face indo mergulhar no panno de sua valorosa farda.

Ama extremosamente a patria, a ella sacrificou a sua maior felicidade, trocou horas de caricias ternas, embriagentes, pelos dias cheios de fadiga que a guerra exige.

Não se revolta contra a sua dor, porque conhece os seus deveres, mas não pode esquecer o ente que seu coração idolatra e deixar de sentir a separação que punge immenso a sua alma.

Pensa na guerra e estremece. Não porque a furia das metralhas ou o sibilar mortifero das balas o intimide, e tão somente morrer sem sentir pela ultima vez o beijo ardente e demorado daquelles labios impeccaveis que tantas vezes o fizeram estremecer de ventura!

— Ente dilecto de minha alma! — murmurou elle baixinho — formosa joven de cabellos negros, olhos angelicos, tambem negros no maximo expoente da cor negra, mais bellos que as perolas de Golconda! Quanto eu te quero, como é sublime o fogo de teus beijos, dulciissimo o timbre de tua voz, velutinea a carne de teu seio!

Calou-se, ergueu melancolicamente o rosto para o céo, onde as estrellas — amigas da noite — tremeluziam placidamente.

Deitou um olhar demorado á lua, que muito delgada, sem illuminar ainda, parecia tambem queixar-se de um amor angustioso.

O azul do céo, a doce quietude da lua, lembram-no que talvez naquelle momento a sua Wanda contemplasse tambem o firmamento interrogando ás estrellas pelo eleito de seu coração.

Pensa em Wanda e absorve-se nas delicias do passado. O delirio sublime de seu bello sonho o embriaga e elle esquece que está tão distante della. Imagina-a perto, bem junto de si, e um sorriso de felicidade paira em seus labios. Deleitosamente inebriante, une as mãos de encontro ao peito, franze os labios como se fosse beijal-a e o estalido sequioso de seu beijo perde-se no vacuo immenso da illusão!

Subito, os passos cadenciados dos companheiros que vem rendel-o, desperta-o do doce engano.

Admirado de seu sonho, de quanto é forte o amor, murmura num tom doloroso — Wanda!

Afastou-se lento da arvore amiga, saudoso daquella solidão e já a encobrir-se na sinuosidade da estrada, deitou um olhar para traz, mas a lua mergulhando numa nuvem que surgia não o deixou ver mais a arvore consoladora.

Chegando ao acampamento, recolheu-se á sua barraca, na esperança de ver em sonho a sua delicada noiva...

*

Elle partira da sua aldeia, havia dois annos.

Agora, ainda mais longe, no campo da luta, acostumado ás fadigas,, indifferente ao tiro rouquejante do canhão, soffria muito... Devido ás exigencias da guerra, nem uma carta viera apaziguar a sua dor.

Que seria de sua Wanda? De sua mãe, tremula velhinha carinhosa e boa? Teriam ambas succumbido de saudade, de angustias, e receios dolorosos, ou viveriam alimentadas com o balsamo divino da esperança?

Emfim o joven heróe ia voltar.

A medalha de bravura pousava-lhe rutilante sobre o peito, bem em cima de uma cicatriz, provando o seu heroismo.

Levava, porém, uma chaga viva, cruel, dentro do coração, como prova que a saudade fôra mais enexoravel que a furia titanica das batalhas!

O triumpho pertencia a sua patria, elle já regressava ao lar querido!

*

A tarde vai fugindo...

Approximam-se as primeiras sombras que descem lentamente.

Ao longe, muito ao longe, a magestosa Phebo mergulha nos coxins ensanguentados do poente.

Na torre da egrejinha, a ultima badalada echôa plangentemente.

Na estrada, já ao entrar na aldeia divulga-se numa nuvem de pó, cavalgando um fogoso corsel, um moço fardado.

E' Harry.

Eil-o que chega ancioso ao lar paterno.

Com uma satisfação louca de mãe meiga e pura, a tremula velhinha, prende-o em seus braços.

A alegria na alma de ambos foi rapida. A angustia invadio seus corações, quando ella disse:

— Meu filho, na sombra magoada daquelle secular cypreste, junto ao tumulo branquejante de tua irmãzinha, dorme o somno angelical e derradeiro, a virgem que amas — essa perola que o céo roubou á terra.

Harry soltou um gemido immenso de dor, chorou numa angustia tão profunda, tão lancinante, que a velhinha no intimo, desejou que antes tivesse sido ella a victima da morte!

O infeliz noivo depois de meditar um pouco na profundeza de sua desgraça, revoltou-se contra os caprichos da sorte e bradou energico:

— Porque, ó morte tyranna, não me roubaste a vida no campo das batalhas? Quantas balas passaram sibilando satanicamente aos meus ouvidos e iam tirar a vida de companheiros, que deviam existir! Para que poupaste-me, se tenho o coração gelado pelo frio da maior das desventuras? Queres-me prolognar a existencia para zombares de minha sorte? Maldita sejas!...

A velhinha beijou-o com ternura e disse:

— Não blasphemes, meu filho!

— Sou anathematisado, minha mãe, a estrella maligna do infortunio scintilla tetricamente na escuriidão do meu destino! Adeus! — disse elle afastando-se rapido.

— Onde vaes, meu filho? — gritou a mãe afflicta da soleira da casa.

E elle com o coração despedaçado respondeu amargamente:

— Não sei!...

*

A pequena necropole está immensamente triste.

Os cyprestes gemem dolorosamente.

As sombras descem pesadas, esmagadoras, horriveis, envolvendo o marmore branquejante dos tumulos.

Harry alli entrou.

O seu aspecto é commovente, caminha como um ebrio e o seu olhar é vago como o de um louco.

Approximou-se do cypreste a cuja sombra dormem o derradeiro somno duas creaturas que nunca poude esquecer: Wanda, a terna noiva; Celita, a boa irmãzinha.

O seu olhar cáe sobre uma campa coberta de flores ainda frescas.

Ajoelha-se. Lagrimas doridas vão beijar o marmore onde jaz a adorada noiva, cuja belleza a morte profanou.

No céo, a lua, eterna virgem sonhadora e triste, surge merencoria, derramando sobre os tumulos um pouco de luz.

Elle delira: Vê approximar-se-lhe um vulto mysteriosamente bello.

Levanta-se, encara-o com avidez e estende os braços para prendel-o. O vulto foge, rapido como a luz, subtil como a sombra.

Não era Wanda, mas a sua imagem que lhe surgia no delirio de sua dor enorme.

Não supportou.

Allucinado, sentindo o fél envenenado da afflicção suprema, com o coração esphacelado pelos punhaes da desventura, tombou exhausto.

Ergueu o rosto num supremo esforço e seus labios tocaram o tumulo, num beijo tão profundo, que pareceu sensibilisar o proprio marmore!

E uma estrella que o contemplava do alto do céo, estremeceu nervosa, angustiosamente commovida!...

Filho das SELVAS.

Rio, Agosto de 1915.

Jornal das Moças

Bilhetes Postaes

Aos gentis leitores e leitoras do Jornal das Moças.

Sabeis o que é o amor? E' a fabrica de notas falsas, na qual trabalham personagens de ambos os sexos.

As mulheres illudem os homens e por estes vivem illudidas, num mar de rosas.

Como medida de equidade são pagos na mesma moeda.

Em obediencia aos dictames da minha consciencia julgo ser a justiça praticada na nossa terra...

S Sebastião do Rio Bonito.

Silencioso (O. C. S.).

A' minha irmã Mocinha

A descrença de ha muito que de mim se apoderou, por isso vivo mergulhado em um completo mar de illusões, buscando amparar-me nesta treva que se chama mundo enganador.

Fortaleza de S. João.

J. Maceió.

A' Pequerruchа

Embora ha muito eu esteja
Do teu coração varrida,
De tua mente esquecida,
Te tenho muita amizade;
Immensa felicidade,
Te almejo de coração;
Rogo a Deus com devoção
Pr'a que na estrada da vida,
Nunca tropesses, querida,
Na pedra da ingratidão.

Rio.

——

A' amiga Ambrosina.

Quando ouço á tardinha
Do sino o bater plangente,
E o arrulho fremente
Da rolinha na orphandade,
Meu coração com saudade,
Deixa escapar um gemido
E vôa a ti commovido
Num suspiro de amizade.

Rio.

Lilinha.

Ao O. P.

Quizera traçar somente expressões do meu eterno amor e de minha constancia sem fim, renovar-te os meus juramentos, e dizer-te mais uma vez que és o unico que podes fazer a felicidade da minha vida; mas, que poderei dizer? A estes sentimentos tão intimos que me inspirastes e que conservarei emquanto existir um athomo de vida em meu rude coração se mistura com um veneno que destroe toda a minha tranquillidade e alegria; quizera definir-te este veneno que me definha, mas não tenho expressões para fazel-o.

E' o ciume!

Não desconheço que talvez isto te magôe. Ah! meu adorado, o avaro teme perder o seu thesouro, e eu sou o avaro do teu coração... Não gosto que nenhuma outra te falle, meu amor egoista, considera tudo o que sahe da tua bocca, como um demonio; se para uma outra um innocente sorriso desponta nos teus labios, meu coração bate com vehemencia, torno-me zelosa em excesso, e temo que esse sorriso seja uma conspiração contra á minha felicidade; emfim, desconfiada, talvez sem razão, sinto esphacelar-se o meu sensivel coração.

Juiz de Fóra.

Zulla.

A' querida Luizinha.

O teu coração, adoravel amiguinha, é o asylo onde a minha alma soffredora encontra o balsamo da resignação nos momentos de desanimo.

Hylda Thompson P. Leite.

Ao distincto Ferreira.

Longe de ti sinto meu coração completamente crisolado e minha alma revestida de uma tristeza infinda; ao passo que ao teu lado sinto-me feliz, pois o teu olhar tem o doce encanto de tornar-me alegre e cheia de vida.

Oh! meu amor, longe de ti o que será de mim?

Saudosa.

A toi mon coeur

O que é o amor? tu me perguntas? Quando hypocrita, é nuvem que ligeira passa no horizonte da nossa vida, e some-se e jamais deixa vestigios. Porém quando verdadeiro, é um sentimento sublime que devemos guardar com a maior sinceridade e cultivar com verdadeiro affecto.

Barbacena.

Adelia da Veiga R.

A' alguem

O desprezo ingrato é um veneno feroz que mata lentamente.

Desprezada.

Ao C.

Lembras-te?... Dansavamos uma valsa e cheio de poesia tu me dizias: "Creia, os seus olhos fascinam, seus sorrisos matam, suas palavras enganam..." E o meu pobre coração, até então calmo, acreditou nas tuas palavras que mentiam.

Quanto hei soffrido, bem o sabe o meu coração, mas... é o castigo que merece quem hoje crê no que diz um homem. Embora despresada, eu te perdôo e confesso que te amo e muito.

Adeus, e creias na esquecida

Saudade.

A' quem me entende.

O meu coração carece tanto do teu amor como a creança dos carinhos maternos, a arvore de seiva e a flor dos raios do sol.

Hylda Thompson.

Ao A. O.

Desde o feliz momento que tive a ventura de te conhecer, que meu coração sente por ti este sentimento sublime que até então ignorava — o Amor!

S. Christovão.

Felina

A' alguem.

Carpindo as dores de saudade infinda,
Chorando amores que não voltam mais,
Debalde encontro nesta longa vida
Allivio para os meus constantes ais.

Que vale a aurora despontar florida,
E ouvir das aves a bella canção?
Si o coração que só por ti palpita
Vive hoje triste sem tua affeição?

Vagando assim a estrada d'amargura,
Sem ter siquer um dia de ventura,
No peito eu trago a mais profunda dor!

O soffrimento atróz que me é constante,
Jamais se afastará de mim um instante,
Pois foste tu, o meu primeiro amor!

Maritina.

Para o album de Mlle....

Recordar o passado é ter o presente orvalhado pelas lagrimas, é povoar o futuro de fantasmas, é ter na alma o germe da tristeza.

O passado é a grande dor que martyrisa a humanidade; só uma dor maior — a dor do presente — neutratisa-lhe os effeitos.

Soffrer é ser feliz — não é paradoxo é realidade. Christo soffreu pela regeneração da humanidade, para poder ser feliz.

A saudade dum amor fenecido é a chamma que o coração alimenta para o eterno crepitar da alma.

Liberdade não existe para o homem; quanto mais elle tenta possuil-a mais se escravisa. O homem só seria inteiramente livre, se a Natureza tirasse da mulher o brilho do olhar, a melodia da voz e a doçura dos labios.

Ingratidão! Das acções dos apostolos de Christo é a ingratidão ensinada por Judas, a unica religiosamente imitada pela humanidade.

A Mlle. Constancia

O teu coração é uma concha de ouro onde se encerra a perola da bondade.

A. P. C.

Nas diversas modalidades da dor, só uma é verdadeiramente martyrisante: é aquella que sentimos quando uma calumnia nos faz perder o bem amado.

A esperança é o maior doce e limpido mel da colmeia do christianismo.

Arvore de Jupter.

A' mana Pequenina

De todos os amores o mais elevado, nobre e imperecivel, é aquelle que carinhosamente nos dedica a nossa santa mãe.

Encontrar-se a sinceridade no coração do homem é tão difficil como descobrir o mysterio d'Além Tutumo!

Cherie.

Ao inesquecivel A. F. M.

(Zizinho)

O meu coração é uma sepultura pobre onde jazem saudades e tétricas reminiscencias do pretérito.

Cascadura.

Yvétte.

A' quem eu amei

Noite! Tudo era silencio! A lua como uma borboleta branca, vagarosa invadia o campo azul do firmamento marchetado de estrellas. Tudo dormia nessa hora, só ouvia o pulsar de meu coração talvez por ti, talvez por nosso amor! A brisa abria suas azas perfumadas por entre as planicies sem fim! Eu triste e só com os olhos fitos nas estrellas pensava em ti e na tua ingratidão. Ah! como foi tão curto esse tempo feliz!... Hoje, só na solidão e nas lagrimas eu encontrarei lenitivo para meus pezares.

Laura Pacheco.

A' quem eu amo.

A difficuldade que se encontra muitas vezes em obter o amor da mulher que se admira constitue um solido elemento: o obstaculo é um iman que, collocado entre dois entes que se amam, arrastam-os ao impossivel.

Meyer.

Pecego.

DOLOROSA

A' Alice Tupinambá.

Canta a dolorosa; é ella o hymno da saudade, a musica da alma e a valsa da tristeza!...

Ainda se me offende o ouvido, numa vaga e doce impressão de magua, o rythmo saudoso da musica dos tristes!...

O céo, azul esmaecido, ou róseo desbotado, ou estrellado, ou plumbeo, não incerra na sua polychromia mutua um extasi de cousas agradaveis, ou um quê da saudosa musica da Alma!...

Gozei os seus melancolicos suspiros, ouvindo nos versos tristes que cantaste a queixa da saudade á um coração que soluçava!...

Eu vivo triste, dolorosamente triste!... Gorgeia subtilmente, minha doce e boa amiga, os versos divinos da Agonia!... Eu sonho! E o sonho é uma verdade!...

Martha, a tua desditosa Martha, immersa ainda nos anceios que su'alma experimentou, taciturna e muda, queixa-se, no isolamento da sua amargurada sina, do divino e ingrato existir da Realidade!...

E a valsa "Dolorosa", é dolorosamente triste!...

Os soluços que o Pleyel délirou saudosa, sob a pressão subtil dos dedos della, encerram poemas ou imagens de amor!...

Minha boa e doce Alice, canta, que eu bemdirei nas minhas contricções de triste, as inspirações de Pennafort e Olegario Mariano.

Passarinho branco, canta, porque o teu gorgeio alenta o inconsolavel coração da tua

S. Christovão.

Martha.

A' H. S.

Lembras-te ainda, ingrata, da phase ditosa do nosso amor?... Recordas-te com tristeza de um passado feliz!... Entretanto, accusas-me querendo ignorar que foste perjura, ingrata e infiel. Assim destruindo um futuro risonho e repleto de fagueiras esperanças.

Rubi.

A' Antonietta

Boa madrinha.

Nas aureas paginas do primoroso livro de vosso coração, aprendi (oh! felicidade suprema!) a ler o affecto e a gratidão — virtudes sublimes, hostiario incomparavel de blandicias, lenitivo sempre profuso para aquelle que vive e ama, crê e confia, soffre e espera.

Rio, 1915.

Guimarães.

A' quem eu amo.

E' triste e muito triste para dois corações que se amam a grande distancia que os separa.

Salvia.

Iracema.

Os teus olhos foram o ideal poema onde, pleno de interminas alegrias, meu coração, pulsando fremente, foi ler a historia venturosa deste nosso acendrado amor; ainda no ebrço divinal duma alvorada feliz, e já resplendendo com o mystico fulgor de promissoras esperanças.

"Que elle se havia perpetuado naquelle teu primeiro sorriso alvar — suave expressão de um contentamento intimo."

Ernesto.

A' Potyguar

Amo-te... Será sempre a palavra do meu intimo; tratar-te-ei sempre acima de tudo: na mente, tua linda imagem, nos labios teu doce nome, no coração teu santo amor.

C. Mirim — R. G. do Norte.

Jurema.

A' minha noiva

Teu coração é uma concha de ouro, onde se encerra a perola da bondade.

Mariano Campos.

A' quem me comprehende

As tuas palavras são como a espuma formada no bater d'agua, que, ao receber a influencia do ar se desvanecem sem deixar traço algum de sua passagem.

B. Pariz.

A' quem me comprehende

Apezar dos obstaculos que tenho encontrado para alimentar este nosso amor, não desaminarei, porque tenho esperanças de ver surgir entre nós o osculo da paz e da victoria.

A minha unica vingança é ver-te abandonado pelo teu novo amor.

Barbacena.

Alram Lemar.

A' prima Albertina

A mulher é o ente mais adoravel que a natureza creou.

Para o idolatrado Odlanso

No coração da mulher existe uma cousa que é o talento que serve para repelir um genio perverso e ao mesmo tempo para acareciar um coração bondoso e beningo.

Elvira V.

Mlle. N. C.

O teu despreso traz meu coração acorrentado á dor.

Já não sei mais o que faça para esquecer o teu amor.

Octavio Braga Piedade.

RESPOSTA CERTA.

A' Ella...

La chanson la plus charmante
C'est la chanson des amours.
Victor Hugo.

Qual a mais bella canção?
A rustica? a camponeza?
A que canta a natureza
Entre a nuvem da illusão?

A que dicta o coração
Nas horas de atroz tristeza?
Dize com toda a franqueza
Qual a tua opinião!...

E Ella a fitar-me sorrindo,
Com seu olhar meigo e lindo,
Disse co'o labio em tremores:

"A canção mais eloquente,
Diz o poeta e não mente,
E' a canção dos amores!".

Hernani Aguiar.

A quem me entende

A ausencia para dois corações que se amam, é a dor mais ferina que se pode sentir no coração da mulher amada.

A imagem que amamos verdadeiramente é aquella que dedicamos o mais puro e sincero amor.

Assim como os passaros choram a sua liberdade, assim tambem choro lembrando-me do passado.

Fabrica das Chitas.

Odette.

A'...

Hontem meu peito alentastes
Mil esperanças me déstes,
Quando preza me tivestes
Nos braços teus a dansar.
E quando a mão me apertastes,
Num terno olhar me envolvendo,
Meu coração se rendendo
Prendeu-se no teu olhar.

Lilinha.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1915 NUM. 35

Jornal das Moças

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

LENDO ha dias, a descripção pinturesca de uma visita feita por um reporter d'"A Noite" a uma dessas boçaes e incultas chantagistas do occultismo, lembramo-nos de chamar a attenção de todos os chefes de familia para essa facilidade com que, na classe desfavorecida da fortuna e mesmo na classe média de nossa sociedade, se procura desde a mésinha, a "tiragem de uma consulta", em caso de molestia, até á procura de um casamento rico, do desapparecimento da "macaca", do achado de um objecto perdido, da "paz" para a familia e de outros arranjos, muitas vezes indecorosos, a pretexto do exercicio do espiritismo.

Varios têm sido os casos de baixa e criminosa especulação e até de morte, sob o falso sacerdocio da medicina de além-tumulo.

De outro lado, innumeros casos de desiquilibrio mental, a que se vêm de um momento para outro, submettidos cerebros fracos, sem a precisa energia, sem o discernimento capaz, sem a cultura sufficiente para ajuizarem desse acummulo de elementos, cada qual mais extravagante, com que esses especuladores baratos procuram enredar esses espiritos, eivados da mais crassa ignorancia, sobre taes assumptos e dispostos promptamente á acceitação das mais disparatadas crendices.

No "Spiritisme devant la science", do Dr. J. Grasset, lemos que "todos os seculos são iguaes em face das attracções pelo "maravilhoso".

"Não sei, como se tem dito, si as épocas mais incredulas são realmente as mais credulas. Mas é certo que hoje se admitte, se aprecia, se corre atraz do maravilhoso, com tanto mais ardor como na idade-média e na antiguidade, só tendo mudado a época dos auguros e dos prophetas.

Com a mesma devoção, eram acceitas outr'ora as revelações dos deuses, como se acceitam hoje as da sciencia que traz esse titulo e se apresenta com esse nome.

Do mesmo modo que o maravilhoso de outr'ra possuia os seus templos e os seus livros santos, o de hoje possue os seus jornaes, as suas revistas, as suas sociedades, os seus congressos, sendo algumas de scientistas, nellas e nelles se tratando do que, impropriamente, recebeu o nome de sciencias psychicas.

"Tudo o que apparece subordinado a este titulo, é logo acceito com grande respeito; pouco depois com fé, pelos espiritos mais reservados, muito embora a estranhesa e a inverosimelhança dos factos constatados.

"Tudo o que se enfeita com a "etiqueta" scientifica faz parte do Alcorão do nosso seculo XX."

Por sua vez, Palhan, no seu "Novo Mysticismo", assignala esse estado das almas contemporaneas.

"Nós assistimos actualmente, diz elle, si me não engano, á formação de um espirito novo."

Mas esse mysticismo, longe de repellir o espirito scientifico, busca-o.

A sciencia, o espirito scientifico, a precisão dos factos, a minucia na analyse, o vigor na synthese, são para nós os unicos meios de chegarmos a serios resultados, já na theoria, já na pratica.

"Eis o verdadeiro caracteristico do ultimo seculo sob este ponto de vista: todas as épocas amaram o maravilhoso, investigaram-n'o, estudaram-n'o; o novo seculo adapta a essa eterna tendencia, predilecta os seus novos methodos e quer fazer disso "um objecto de sciencia."

No occultismo, segundo os seus principaes propagandistas, existe no homem, entre o espirito immortal e o corpo physico, um intermediario que tem orgãos e faculdades absolutamente caracterisadas.

Esse principio intermediario, particular aos occultistas, é o "corpo astral", que preside á elaboração de todas as forças organicas, especialmente á nervosa.

Essa força nervosa age, em relação ao espirito, como a electricidade em relação ao telegraphista, representando o cerebro o papel de telegrapho.

Ha certas questões interessantes que o occultismo tem procurado abordar, mas que até hoje não estão scientificamente demonstradas, taes como a suggestão mental, a clarividencia, a telepathia, a exteriorisação da força nervosa.

Como esses estudos escapam á maioria ou quasi totalidade dos que entre nós praticam esse baixo espiritismo, acontece que essa ausencia completa da orientação scientifica, os induz, ora ás extravagancias de um espiritismo perigoso, pelo que elle tem de nocivo e em detrimento dos espiritos fracos; ora, a essa tambem perigosa e baixa especulação a que se entregam individuos, destituidos de qualquer noção moral e que só agem no intuito de explorar a sua clientela, muitas vezes suggestionada por sua propaganda organisada com os mesmos intuitos, passiveis de severa repressão por parte da policia, que impulsionam, no seu trabalho, os locaes invocadores de "espiritos lucidos" de mais...

Que as nossas familias, comprehendendo o que ha de prejudicial e de funesto na pratica dessa "sciencia" dos mortos, com que tantos "espiritos bem vivos arrumam a vida", não descancem um momento nos conselhos aos que gosarem de seu convivio, para que se afastem desse campo, onde almas, que não voltam mais, andam a surgir aos malandros que dellas precisam para uma existencia, ás vezes regalada, é para nós motivo de real satisfação.

RIBAR.

A ARTE DE SER ELEGANTE

A nossa Primavera chegou. Chegou com um dia de canicula estival. Só se dá pela sua existencia nos jardins floridos. Ahi sim, a deusa sempre aromada e coroada de flores pôz o seu traço e marcou a sua vinda fulgurante.

Qual será a nossa moda primaveral?... indagarão as leitoras elegantes.

Não poderemos, á semelhança da Europa, pregar o uso das vestes de Primavera de lá, que são as que melhor cabem nos nossos dias máos de inverno com leves brumas nas montanhas á tarde e com dias muito claros de céo azul muito alto e muito puro.

* * *

Os dias de sol ardente que temos atravessado reclamam os largos chapéos floridos de abas amplas, chapéos de palha finissima adornado de gazes.

Vestes de crépe, levissimas, de cassas encantadoras na sua quasi transparencia fascinante. As tardes primaveraes no Rio pedem os passeios ao campo, aos parques, ás avenidas á beira-mar, onde o ar é mais leve e onde o sol não queima tanto.

Podemos dizer que começamos a lançar as primeiras vestes para o estio que se approxima.

* * *

Roupas leves, brancas, azues-pallidas, chapéos leves, reclama a nossa primavera plena de flores.

E nas horas de passeio, nas recepções, nos theatros, o uso das flores naturaes, substituindo o banalissimo ramilhete de flores de panno, seria uma nota da mais refinada elegancia e uma prova evidente de bom gosto.

Yvonne.

O MAL

Que é o mal? Nas linguas humanas não se encontra uma exacta significação.

Tudo indica a sua origem accidental e inferior. Não existiu prmitivamente. Entrou nas cousas que o Padre Eterno andou a designar a Adão, e o homem não lhe poz nome.

O mal não tem substancia propria. Não passa de uma derogação da *ordem*, de uma *des-ordem*, uma *des-união*.

O mal moral nada mais é que uma falta de unidade, como acontece ao mal physico. Em todas as suas modificações e accepções, manifesta-se por uma falta de equilibrio, um desvio de unidade, da ordem estabelecida, uma falta, portanto, uma negação.

Não tendo existencia primitiva, não se produz nunca senão em estado de contrariedade, de opposição.

Eis um principio incontestavel: sendo o mal, em seu fundamento, sempre a violação da Ordem estabelecida, não passa nunca de uma anomalia, uma aberração. Não é então um principio, mas sempre um resultado. Consequentemente, sendo por essencia negativa, não póde ter sua causa de ser na Affirmação, pois que a Affirmação é a verdade, e a verdade nunca póde produzir o erro.

O mal, segundo os thelogos, não póde ter a sua origem em Deus, pois si a mentira não póde proceder da verdade, como póde sahir o mal do bem? Como póde ser que o bom Deus produzisse o Mau Homem?

Tirar da mesma fonte a vida e a Morte, a santidade e o crime é tão contrario á nossa razão, que a philosophia de Iran admitte antes o antagonismo de duas divindades, quasi iguaes em poder, que a mesma origem para o Mal e o Bem.

Mas haverá effectivamente dois poderes eternos e contrarios, expressão geral de Deus Tudo, como o ensinua o pantheismo?

A eternidade desses dois principios não supporta o menor exame.

Necessariamente elles serão ineguaes em poder. Assim sendo, um é subordinado e outro superior. Um sómente poderá subsistir como principio.

Iguaes, não poderiam ser eternos, pois a eternidade está na infinidade. Como comprehender dois principios ou Duas Cousas na mesma infinidade? Onde iria ter a acção desses principios, assim eternos?

O Principio Bom é o Bem. O Principio Mau é o Mal. Ora, como este não é senão o contrario daquelle, não sómente não tem em si a razão de sua existencia primitiva, pois o Mal é a Negação, com esta só se opera pela destruição ou pelo nada; e, forçosamente, a destruição e o nada são posteriores ao Sêr e á Affirmação. Logo, o Principio Bom é anterior e, consequentemente Primitivo.

MLLE. ALBA POMPEU

Filha do Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, professor da Faculdade de Direito em Fortaleza.

UM BOM AVISO ÁS NOSSAS GENTIS LEITORAS

Mer. e Mme. Benevides, que acabam de chegar de Paris, trouxeram as ultimas novidades em chapéos, meias de seda, blusas e outros artigos para senhoras, que vendem por preços vantajosos, á rua da Quitanda n. 17, sobrado, onde se acham installados.

PÉGA!...

Recebemos a seguinte carta a respeito de um vergonhoso plagio:

Snr. Redactor

Escrevo-lhe de apito em punho, ou melhor na bocca, pois que é possivel escrever e apitar ao mesmo tempo, o que não acontece com assobiar e chupar canna.

E apito por causa de um Pinto (E. J. Pinto) que lhe entrou pelos *Bilhetes Postaes* trazendo no bico não a minhoca de que costuma alimentar-se, mas duas *rosas* furtadas ao canteiro do festejado poeta mineiro Belmiro Braga.

As duas quadras que E. J. Pinto publica e assigna nos *Bilhetes Postaes*, com titulo *Noivos*, tem o mesmo titulo, as mesmas palavras e os mesmos pontos e virgulas no volume *Rosas*, de Belmiro Braga.

O unico escrupulo que teve Pinto foi não copiar a poesia toda, que consta de seis quadras. Pinto contentou-se de apanhar no seu bico equivoco as duas primeiras quadras, talvez pensando que assim seria mais facil passar o contrabando e bater depois as azas e piar satisfeito, fingindo de *poeta* junto á pinta dos seus sonhos.

Mas ha sempre um cabello para enrolar nos pés dos pintos travessos e na falta de cabello, eu lhe trago estas linhas com que peço que se digne coser a mortalha da reputação literaria do seu descarado collaborador.

Diga ao Pinto que vá piar noutro terreiro e cuidar doutro officio, pois quem começa furtando versos, pode acabar furtando diversos outros objectos e em vez de ir ao Parnaso, dará com os ossos na Colonia Correccional de Dois Rios.

Pinte o Pinto de verde e acceite as saudações do menor creado.

Gavião.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

No dia 7 completou mais uma ridente primavera a gentil senhorita Maria de Lourdes Claude de Albuquerque, filha da illustre professora D. Julieta Claude de Albuquerque.

O nosso distincto amigo Firmino Fontes, negociante nesta Capital, festejou a sua data natalicia no dia 12.

No dia 19 faz annos a graciosa senhorita Amelia Ribeiro, filha dilecta do Snr. Manoel Ribeiro, negociante nesta praça.

Senhorita Amelia Ribeiro

A 7 do corrente completou seu 15° anniversario natalicio a distincta e intelligente senhorita Laura Rodrigues da Costa, residente nesta capital.

A 23 do corrente conta mais uma ridente primavera a gentil Senhorita Nelly, (a Lélé), filha do Snr. Jorge Berthoux.

O illustre e distincto Dr. Francisco Fernando Dantas, foi alvo de uma cordial manifestação por occasião de seu anniversario natalicio em sua aprasivel residencia, no dia 10 do mez findo.

Dr. Fernando Dantas

Senhorita Hercilia Fernandes

A gentil senhorita Hercilia Fernandes, festejou no dia 30 de setembro o seu anniversario natalicio, reunindo na residencia de seus ditosos paes, as suas amigas que alegremente e felizes dansaram até á madrugada.

No dia 20 deste mez completará mais uma primavera a elegante senhorita Hylda de Souza Castro, dilecta filho do Sr. Augusto de Souza Castro, funccionario publico.

CASAMENTOS

Contrataram casamento o Sr. Antonio Braz e a senhorita Ezaulina Pereira de Rezende; e o Sr. Mario Borges e a senhorita Hercilia Luiza de Rezende, residentes em S. Vicente de Paula.

Realizou-se no dia 5 deste mez o enlace matrimonial da gentilissima senhorita Hortencia de Cerqueira com o Sr. Galdino Augusto Gonçalves.

Realizou-se a 2 do corrente o enlace nupcial do Sr. Armenio Lobo da Cunha, prestimoso auxiliar do commercio da nossa praça, filho da Exma. viuva Henriqueta Lobo Rodrigues da Cunha com a graciosa senhorita Hercilia de Oliveira, filha do Sr. Praxedes de Oliveira, funccionario do Lloyd Brazileiro.

Foram padrinhos, no civil, o Dr. Graciano Neves, por parte da noiva e o Sr. Alvaro Lobo da Cunha, por parte do noivo.

No acto religioso, que se realizou em casa do pae da noiva foram padrinhos o Dr. Sylvino Faria e Exma. esposa, por parte da noiva; e o Sr. Antonio Amarante, por parte do noivo.

Contratou casamento com a senhorita Zilda Gomes de Paiva, dilecta filha do Sr. capitão-tenente Manoel Gomes de Paiva, digno official da nossa Marinha de Guerra, o Sr. Nerval Guimarães, filho do capitalista de nossa praça Sr. João Guimarães.

Zilda e Nerval

Passa no dia 18 do corrente o anniversario natalicio da graciosa Mlle. Maria Augusta Franco de Faria, extremosa filha da Exma. viuva Albertina Franco de Faria, nossa assidua leitora.

EM VIAGEM

Seguiu para Barbacena, onde vae veranear, a nossa distincta collaboradora Adelina da Veiga Rodrigues, a quem desejamos feliz viagem e proximo regresso.

PRO' FLAGELLADOS

A festa organizada pela Exma. Mme. Wenceslão Braz, em beneficio dos nossos patricios flagellados pela impia secca do Norte, será realizada no dia 17 deste mez, na Quinta da Boa Vista.

Paginas da alma

Além pouco distante, ergue-se a modesta capellinha branca, onde, em postura religiosa, ia orar Indiana, a virgem dos sertões, a seductora peregrina.

Que pediria ella, assim ajoelhada ? !

Nossos instantaneos — A' sahida da missa na Matriz da Gloria

Ignoravam todos, ninguem sabia os mysterios d'aquella alma candida, d'aquelle lyrio branco de campina, que na aurora dos vinte annos, desabrochava pujante.

No entanto, todos os dias, aos primeiros clarões da madrugada, la ia ella, pelo campo a fóra, numa meditação profunda, sorrindo o perfume inebriante das flores polycromicas que a embalsamavam.

Quando o bimbalhar dos sinos chamava os fieis á oração matinal já Indiana, ha muito, havia elevado o pensamento a Deus, implorando, talvez, a realisação dos sonhos que lhe cantavam no coração.

Vivia de esperanças; não conhecia o gladio tenebroso da Fatalidade que se avisinhava aos poucos.

Num bando a voejar, as irriquietas borboletas, multicores, vinham sugar, em bando alviçareiro, o nectar das flores orvalhadas pelo rocio crystalino.

E a passarada, ruflando as azas num bolitar fremente, entoava o hymno que ia despertar dos sonhos roseos, a mocidade juvenil.

Começava a luta do dia; ninguem mais pensava em Indiana.

A' tarde, quando o sino da freguezia nostalgicamente deixava ouvir a symphonia do Angelos, eil-a de novo, a passar, curvando respeitosamente a fronte altiva e bella, aos sons da Ave Maria.

Donde viria ella? Ninguem ousava perguntar!

Passava arrastando comsigo a luz bemdita da fé, que lhe enchia de conforto a alma sonhadora e feliz!

Tudo parecia regorgitar de alegria, quando com o seu passo de rainha sylvestre, Indiana deslisava scismadora pela verde alcatifa que atapetava o caminho.

Alguem, entretanto, acompanhava-a de longe . . .

Ella amava calmamente no silencio da noite. Em abandonado recanto; os jovens enamorados sob um céo de velorio, sorriam, extacticos, ás delicias do amor.

Julgavam-se a sós, as duas almas em mysticismo de ventura e o mancebo, vencendo o lethargo, ergue-se de subito, cingindo aos braços a donzella e depositando-lhe na fronte o seu primeiro beijo.

A natureza muda deixou-se adormecer tranquillamente e a lua merencoria, unica testemunha para ell[illegible]s, d'aquelle idylio amoroso, escondeu-se nas nuvens o[illegible].

Instantes mudos, divinaes, surgiram na[illegible]a especie de embriaguez de sonho.

De repente, um farfalhar de arvoredo os veios despertar.

Era alguem que acabava de fugir, testemu[illegible]ha das promessas amorosas alli feita, sob a luz acariciadora e placida do luar.

O tempo fez passar o amor, nada mais resta, e Indiana passa hoje pendendo a larga fronte, scismadora e triste, como flor fanada, para o inverno rigido da sonhadora morte

Helena D. Nogueira.

HISTORIA TRISTE

(COLLABORAÇÃO)

N'uma noite fria de Dezembro deslisavam os dedos de Helena sobre o teclado do piano. Beethovem embalava a sua alma, e por vezes ella julgava que o immortal mestre ouvia os seus suspiros, os quaes iam unir-se ás suas inspirações. A lua brilhava no infinito, e o céo era de um azul pálido cravejado de scintillantes estrellas cujo brilho atrahia e captivava o olhar. A hora trabalhosa do dia cessara, e a terra estava envolta uum manto de paz e de tranquilidade. Ouvia-se apenas o zunir do vento que vinha como que acompanhar a sonata que Helena com suas delicadas mãos executava.

Mas, uma vez a Sonata finda a alma sentia-se novamente abandonada e o seu coração, era frio como a noite. E' que ella já não vivia, tinha apenas 19 annos, estava portanto na flôr da idade, mas havia já muito que a esperança abandonara cruelmente aquelle coraçãosinho que tão bem comprehendera a significação da palavra: Amor.

Pobre Helena! Amara, fóra amada e por fim... esquecida.

De repente ella acorda da melancolia em que se achava, abre uma gaveta, tira diversas cartas sobre as quaes poisa

Nossos instantaneos — A' sahida da missa na Mltriz da Gloria

um longo beijo, em seguida louca de dor e de desespero lança-as dentro da lareira: Desvairada e como que recriminando alguem diz em voz baixa: "E todo este amor acabou em cinzas, ah! ingrato, tu foste o coveiro das minhas illusõs, tiraste-me a vida. Aniquillada por tanto soffrer a infeliz Helena adormece, e só despertou ás 4 horas da madrugada de natal. O seu primeiro pensamento foi para longe, muito longe, em seguida sahiu e dirigiu-se para a igreja afim de rezar ainda uma vez pela alma de sua querida mãe, a qual perdera aos nove annos. Apezar da pouca idade que tinha, Helena guardava fielmente a sua imagem, e não se passava um só dia em que a pobre creatura não dirigisse fervorosas

preces pela alma daquella que tanto a amara. As ruas cobertas de neve, offereciam um aspecto fantastico, grandioso! Helena caminhava apressadamente, pois queria fazer suas orações com a igreja deserta, julgava ella que assim Deus a ouviria melhor, e a sua fé era tanta que sentia sempre a voz consoladora de Christo responder ás suas supplicas. N'esse dia porém ás forças faltaram-lhe, e exhausta cahiu inerte sobre a neve. Além, os sinos tocavam chamando os fieis ao templo. Os primeiros clarões da aurora começavam a despontar e o sol apparecia lentamente no horizonte. Banhada pelo sol Helena voltou a si, fez um esforço supremo, caminhou e sobre os degraus da igreja foi encontrada morta

Lisbôa 1915. *Julia Carrapatoso.*

Nossos instantaneos—A' sahida da missa na matriz da Gloria

O LOUCO

Nos arroubos ferozes de verdadeiro bizonte, aquelle homem se revoltara contra a magnificencia da vida. Pesava-lhe no cerebro a idéa sinistramente infernal, a idéa filha da anormalidade impulsiva.

Tropego, caminhava ao longo da balsa, sentindo o roçagar exquisito do vento no rosto pallido e desfeito.

A's vezes, parava para sorver voluptuosamente o ar purissimo e olhava o azul do céo como para encontrar nessa côr esplendida, o collyrio para os seus olhos myopes e verdes como as esmeraldas bastardas.

Volvia a caminhar, quasi a cahir, pronunciando palavras incoherentes como a ostentação singularissima duma perissologia satanica.

Os movimentos synthetizavam neumas de revolta e, milhares de vezes, o pulso daquelle homem, descarnado e esqueletico, ameaçara o céo que pouco antes havia invocado supplice e humilde.

Attitudes de carnifice, de scelerado, succediam aos ademanes transparentes de sensibilidade, accessos duma nevrose bizarra!

Outras vezes, atirando-se junto a algum coroatá, vociferava contra elle, buscando humilhar allucinadamente a Natureza adoravel e linda; mais alem, feria-se em um blóco echinoso, chorando, como só elle poderia chorar, baldo de razão como estava.

Subito, volvia á calma apparente, mas o olhar incerto e horrivel, brilhando em orbitas cavadas e denegridas revelava e trahia a potencia acroatica do mal. Se percebia algum coleoptero, perseguia-o tyrannamente até alcançal-o inerme e, mesquinho, perverso e brutal, destruia-lhe o elytro, gozando o espectaculo da angustia do animal fragillimo.

O peito estuante, cheio do sangue arrancado pela impetuosidade dos acessos, parecia apenas formado de laminas aponevroticas.

Apagára-se a lampada da razão completamente, bruscamente. Aliás, nunca fôra um normal.

Engolphára o espirito insufficiente no torvelinho do dogmatismo de todas as religiões, tentando surgir illeso, eclectico, senhor duma lucidez notavel; erguera demasiadamente a alma aos zimborios dos templos da mais cerrada incomprehensão! Fundira a sobriedade ethica dos receptáculos anfractuosos do fatalismo e chegou a ter medo de si mesmo.

Iniciou-se então o vacillar edaz do raciocinio na tentativa infructifera de organizar castellos em falso e, solidifical-os na fixidez da utopia, com os alicerces da irrealidade. O occultismo superficial poz-lhe o cerebro em braza; accendeu-lhe o impeto arrogante da confiança na vontade, na energia que jamais possuira

Uma noite, depois de ter escripto em desastrado estylo, gongorico, ávido da gloria e de certeza, teve horrorosas allucinações; a fronte escaldava de febre e as arterias pulsavam com uma celeridade espantosa.

Emfermo, via corpos sem carnes, martyres gemebundos, orbitas de fogo a evolar pelo espaço em trevas como pyrilampos agoureiros, mestres doutrinários, fallecidos ha muito, empenhados na luta comica de materialização, chammas como o fóco genetriz da tortura eterna e... sangue, sangue rutilante, a correr em turbilhões incontidos pelo aposento inteiro, como uma borrasca destruidora de todas as razões.

Passada a febre, o delirio permaneceu feroz, hediondo, lancinante, emprestando áquelles olhos myopes de tanto fixar os livros que não comprehendera, um fulgôr diabolico.

Um dia, abandonou o lar, espumando de colera, furioso, num exorcismo perigoso.

Eil-o a percorrer os logares solitários, insurgindo-se contra a bulha exterior que, mais confusa lhe tornava a razão.

Nossos instantaneos—A'sahida da missa na matriz da Gloria

E mesmo assim, quando a passarada leve, innocente, soltava em côro a egloga magnifica e inegualavel como uma offerta sonóra, viva e ardente á Natureza soberba, o infeliz, despojado de todos os bens que a vida concede ao ser humano, aos brados blasphemava numa furia de destruição transcendente e, desilludido na propria inconsciencia, caminhava ao longo da balsa acorrentado para sempre á loucura.

Violeta– Odette

ELISA MINHA FILHA E ELISA MINHA MÃE

I

A Saudade revive uma quadra feliz,
E a Esperança a florir uma nova ventura,
Expressa o desvendar de existencia futura —
— Numa renovação de Natureza e Vida.

Abriste um arrebol á lagrima primeira,
Nasceste filha amada, alegrou-me o teu berço,
E na crença feliz, em que meu culto exerço,
Senti astros de amor, estrellejando a poeira.

Obito e nascimento agora confundidos,
São principios de Amor, que o Universo dirigem,
Animico fulgôr e divinal origem,
Em gosos a tornar agruras e gemidos.

Ao grato reflorir duma campa sagrada
Esta resurreição um doce encanto friza:
Dá-me a ver em teu nome, ó minha amada Elisa,
A noite a desdobrar-se em nitida alvorada.

Seu beijo maternal é um roscio bemdicto
Alentando essa rosa, em teus labios aberta,
Vem delle o dôce olor, que tu'alma me offerta,
Quando teus olhos vendo, o céo nelles reflicto.

Nome que perpetúa egregios attributos,
A reviver em mim, em delicia suprema,
Este immortal Amor — evangelico poema,
De cyclico vibrar e cantos impollutos.

II

No cosmos ou no céo, desejo sempre vêl-as:
Bondade a revestir a divinal argilla,
Espiritos subindo em ascenção tranquilla,
No perfume da flôr ao brilho das estrellas.

Sem nenhum vacillar, que a minha Crença torça,
No mesmo enlevo as sinto em effluvios divinos,
No meu Amor e Fé, que são em seus destinos:
Helice e eixo affirmando o equilibrio da força.

Virtude excelsa força e inquebrantavel fibra,
Que para o Bem os corações ajusta,
Na evolução do sêr, á precedencia augusta
De um Deus que o firmamento e os mundos equilibra.

Força de perfeição que os tormentos acalma,
E refina o sentir ao fulgôr do Evangelho,
No arvalho de esperança aberto ao Moço e ao Velho,
Tempo e espaço a fundir na eternidade d'Alma.

Ergues o pensamento e a verdade apparece
Ao mysterio do Sonho, ás Sombras do jazigo,
E a Vida reaccende o resplendor antigo
Ante a serenidade olympica da prece.

III

Almas a quem o Céo, serenamente lança
Messianico matiz de encantos seductores.
São para o meu vivêr — um desbrochar de flores,
E para o meu morrer — um iris de esperança.

Ricardo d'Albuquerque.

Dr. Alvaro Ferreira Pinto e sua Exma. esposa

SOL

Sol — crysanthemo de ouro nos jardins dos céos, custodia da Natureza, donde jorram raios refulgentes transmissores da vida, vida que se infiltra desde os musgos mesquinhos a crescer, cerce, bem cerce, com o solo, até á altiva palmeira que atira a sua orgulhosa coma de virentes plumas para os ares sacudindo-a livremente no azulineo espaço!

Sol, raio de vida a descer de onda em onda, prescrutando o recondito dos oceanos e lá na profundeza immensa, gera a primeira vida.

E quando a noite despertando, corre a cortina de estrellas, elle surge aureolado e debruça-se sobre a terra, e o seu cuidado primeiro é procurar as flores que ainda dormem, envoltas em sendal vaporoso, fita-as e vem desabrochal-as com leve beijo de luz; então as myriades de corollas deixam evolar-se para o espaço a suave fragancia do seu seio, como incensando o seu protector e amigo.

Elle, orgulhoso, contínua a subir e sobe os degráos do infinito azul, até que um chuveiro de raios vae penetrando no seio das mattas, atravessando a cupula das franças desnatradas e passa emfim sobre as envelhecidas folhas que revestem o solo.

E os passaros, sentindo o seu calor, nos seus ninhos, despertam e entoam, alegres, um hymno de gloria que resôa atravez dos troncos seculares donde pendem os festões de liames em flor!

Porque? — indagam a Terra, as ondas, os passaros, e as flores ha milhares de seculos.

Por que só nos sentimos alegres sob o Céo dos seus raios?

Por que só com elle surge a alegria que afugenta a tristeza e gelidez da Noite?

Porque? Ah! Só ha um ser no mundo capaz de dizernos: — é o Poeta!

Interrogai-o!

E o Poeta, fitando a cupula infinita responde:

— E' porque o Sol é o eterno sorriso de Deus!

* * *

O BEIJO BI-FACIAL

O beijo, esse segredo que se ouve com os lábios, esse famoso ponto rózeo de Rostand, não o inventamos nós; vem de longe.

Já em priscos tempos, quando, lá nos confins da terra, surgia e se affirmava o catholicismo, na humilde choça do pegueiro, no opulento solar do rico em caminho, á sombra das arvores, ou nos templos á orla dos caminhos, era uso mutuarem-se os *beijos de paz*, dizendo um "a paz esteja comvosco" e secundando o outro "e tambem com o vosso espirito".

As escripturas sagradas preceituam: saudae-vos uns aos outros com um beijo de amizade.

Entre os Romanos o *osculum*, beijo puro, era ritual symbolico das boas-vindas, da bemquerença.

Os gregos ainda conservam o *beijo da paz*, mas só para os que se deitam a dormir o eterno somno.

Mas, tambem, ao tempo das escripturas santas, nos campos da Iduméa, nas ruas da Roma imperial ou nas estradas bucolicas da Grecia, não se falava ainda em microbios, bacilos, vibriões, espiroquetas, espiritos, bacterias, cócos, micrococos, diplocócos e o que sei eu!

Esse lendario beijo dos antigos no acto dos cumprimentos, saudações ou despedidas, era trocado entre pessoas do mesmo sexo.

De éras tão remotas, de tradição em tradição, veiu este costume pernicioso de se permutarem pelo menos quatro beijos todas as vezes que se defrontam duas senhoras conhecidas, sejam ellas meninas, moças, velhas, sadias, doentes, magras ou gordas...

Deixando em segundo plano a questão do constrangimento, máo humor e repugnancia, habilmente dissimulados, com que a esse supplicio muitas senhoras se submettem e de quem temos ainda a mais formal condemnação, passemos ao amago do assumpto.

Das innumeras molestias que, incipientes, mascaradas, adormecidas e por isso insuspeitas, o beijo póde transmittir, **basta-nos apenas citar a tuberculose, tão temida de todos e,** emtanto, tão procurada pelos que censuravelmente se obstinam em conservar esse habito mais que prejudicial do beijo de... Judas.

Beijo de Judas porque, como do ingrato discipulo, sob capa de paz, carinho e amizade póde trazer magoas, dôres e morte com o bacilo de Ivoch ou o espiroqueta de Schaudiun.

Beijo de Judas, com muito mais razão ainda, porque frequentemente quem o dá, com sorrisos e candonguices, desmanchados em affecto e sympathia, repuxando com os mimosos dedinhos empertigados um véo que *não está bem*, uma blusa que *está caindo mal* ou um broche que se vae desgarrando, momentos antes, quando divulgou o *seu bem*, a *sua flor*, na revolta da esquina, não podendo evadir-se, tirou pelo braço a mamãe, a titia ou a maninha murmurando: ahi vem a lambisgoia da J... temos de aturar-lhe as camelices e os beijos com máos halitos e tudo.

Ou, então: olha a nossa vizinha, a que tosse de arrebentar toda a noite e está cada vez mais amarella... é um perigo, mamãe, beijar-se aquella mulher.

—Eu tambem acho, mas, que queres? é do *bom tom*... logo, é preciso.

Por maneira que desde que seja do *bom tom*, que monta que se adquira uma tuberculose, uma diphteria, etc.?

O' vaidade dos homens! ó garridice das senhoras!

Com um pouquinho de bôa vontade seria facilimo ás bellas senhorinhas acabarem com esse maldito supplicio do beijo obrigatorio e perigoso.

Nós medicos pela confissão dos proprios clientes, podemos dizer se é real ou fantastico esse perigo.

Podemos affirmar, pela bocca de muitas patricias, que é extremamente raro apartarem-se duas senhoras das quaes uma não vá lastimando o beijo que recebeu e mais ainda que transmittiu...

Para que, pois, esta coacção, este sacrificio, esta hypocrisia? Como os positivistas, minhas senhoras, vivamos ás claras! em que pese ás feiosas que prefereriam, talvez, a meia luz...

Em muitos paizes civilisados o beijo bi-facial está batendo em retirada; está ás portas da bancarôta, como nós todos.

Outra usança que o nosso seculo encara como verdadeira

A CARTA DO NOIVO

T. Fabiano 15

O noivo adorado partiu para a guerra impellido pelo cumprimento de um dever patriota e após prolongada ausencia chega a primeira carta anciosamente esperada e que é lida com natural sofreguidão

selvajaria é a praxe irritante de se beijarem constantemente as candidas creanças que, instinctivamente, detestam essas caricias defendendo-se e escondendo o rosto.

Infelizmente vem a mamãe sentencia: meu filho não seja *tolo*, dá um beijinho a seu Juca, dá um beijinho a Lélé, dá um beijinho a nênézinha... e a creança acaba achando tudo isso muito natural, vindo tambem depois, muito naturalmente, o sarampo, a coqueluche, a diphteria, a cachumba, etc.

Não achamos palavras que nos satisfaçam, termos assás expressivos e vehementes para condemnar, profligar e anathematizar esse barbaro, inclemente, escandaloso e funestissimo habito de beijar as creancinhas. Decididamente deve acabar para felicidade dos paes, descanço dos medicos, honra da hygiene e interesse vital dos innocentes petizes que muitas vezes pagam tão caro a imprevidencia, a obstinação e a cegueira dos adultos.

Deixemos os beijos aos nubivagos poetas nas suas entrevistas com a lua merencórea finando-se de amor e saudades na separação cruel de oitenta e cinco mil léguas...

Beijem os ventos a floresta que ramalha, as abelhas, as rosas perfumadas, as vagas, as limpidas areias, as falenas, os timidos amantes.

Beijem-se e muito! pois abelhas, ventos, vagas e falenas, ao que me conste, raramente são tuberculosas, e nunca são diphtericos...

DR. ALIPIO MACHADO.

A parte mais inutil do nosso corpo

De todas as partes do corpo humano, a mais inutil indiscutivelmente, é a orelha, entendendo-se por isso, no apparelho, auditivo em conjunto, não só a orelha externa como o pavilhão da orelha, como se chama.

Esta parte do ouvido não influe muito nem **pouco no modo de ouvir bem** ou mal, e a prova disso é que muitos povos selvagens têm por costume deformal-a horrivelmente, recortando os seus bordos com enormes pesos o que de modo algum reduz a sua capacidade de audição.

Orelha de mulher com ponta

Para que a orelha nos fosse de alguma utilidade, seria preciso que a podessemos movel-a, como acontece com os outros animaes. Uma orelha immovel é absolutamente inutil.

Em tempos primitivos, é provavel que o homem a tenha movido como o cavallo e o cão, pois desse modo serviria para recolher os sons extensos e dirigil-os para o ouvido interno; mas hoje são bem poucas as pessoas que podem mover os seus pavilhões auditivos em dada direcção, porque, em virtude da evolução, os musculos apropriados a este movimento tornarem-se muito debeis.

Uma prova de que o homem pôde mover as suas orelhas em outro tempo, consiste numa pequena ponta que algumas pessoas apresentam no bordo posterior do pavilhão até em cima. O que não é sinão uma representação das primitivas orelhas terminadas em ponta, como as possuem todos os animaes que as movem facilmente.

Muitas pessoas acreditam poder advinhar si um homem tem bom ou máo ouvido pela fórma de suas orelhas, o que não é exacto.

O que ha é que as ondas sonoras chegam ao nervo auditivo passando por certos liquidos que enchem o ouvido interno e que para elle têm de entrar pelo orificio da orelha, sendo a sua entrada mais ou menos facil, segundo o tamanho e a forma desse mesmo orificio.

Como essa forma corresponde, com pouca differença á do pavilhão da orelha, acontece que uma pessoa de orelhas pequenas ou estreitas tem de ouvir menos bem do que outra que as possuem grandes e quadradas, não porque o pavilhão recolha os sons mais ou menos facilmente, mas porque a primeira terá naturalmente os orificios auditivos menos abertos que a segunda e, **por conseguinte, nesta ultima terão mais franca entrada as ondas sonoras.**

Orelhas de compositor e de surdo

Do que resulta, portanto, ser o pavilhão da orelha humana um orgão defeituoso e, como tal, quasi inteiramente inutil.

Indubitavelmente, esta parte do nosso corpo não é necessaria ao genero de vida a que actualmente se entrega a humanidade, e, como a natureza tende a supprimir os orgãos desnecessarios, não é inverosimil que, daqui a alguns milhares de annos, o homem, que começou por perder a mobilidade das orelhas e perdeu depois a ponta que as adornava, fique tão desorelhado como uma toupeira, typo animal que, si não si fez famoso pela atrophia de seus olhos, devera sel-o sem duvida por necessitar em absoluto do ouvido externo.

O AMOR E O THEATRO

Em França o amor é uma comedia; na Hespanha uma zarzuela; na Inglaterra uma tragedia; na Italia uma opera; na Allemanha, um melodrama.

Nos Estados Unidos as convenções amorosas perdem sua essencia scenica, para converterem-se em assumptos commerciaes.

Um coração que ama é como uma onda, que cresce, avoluma-se e se desfaz na areia. — *Jean Corbéille.*

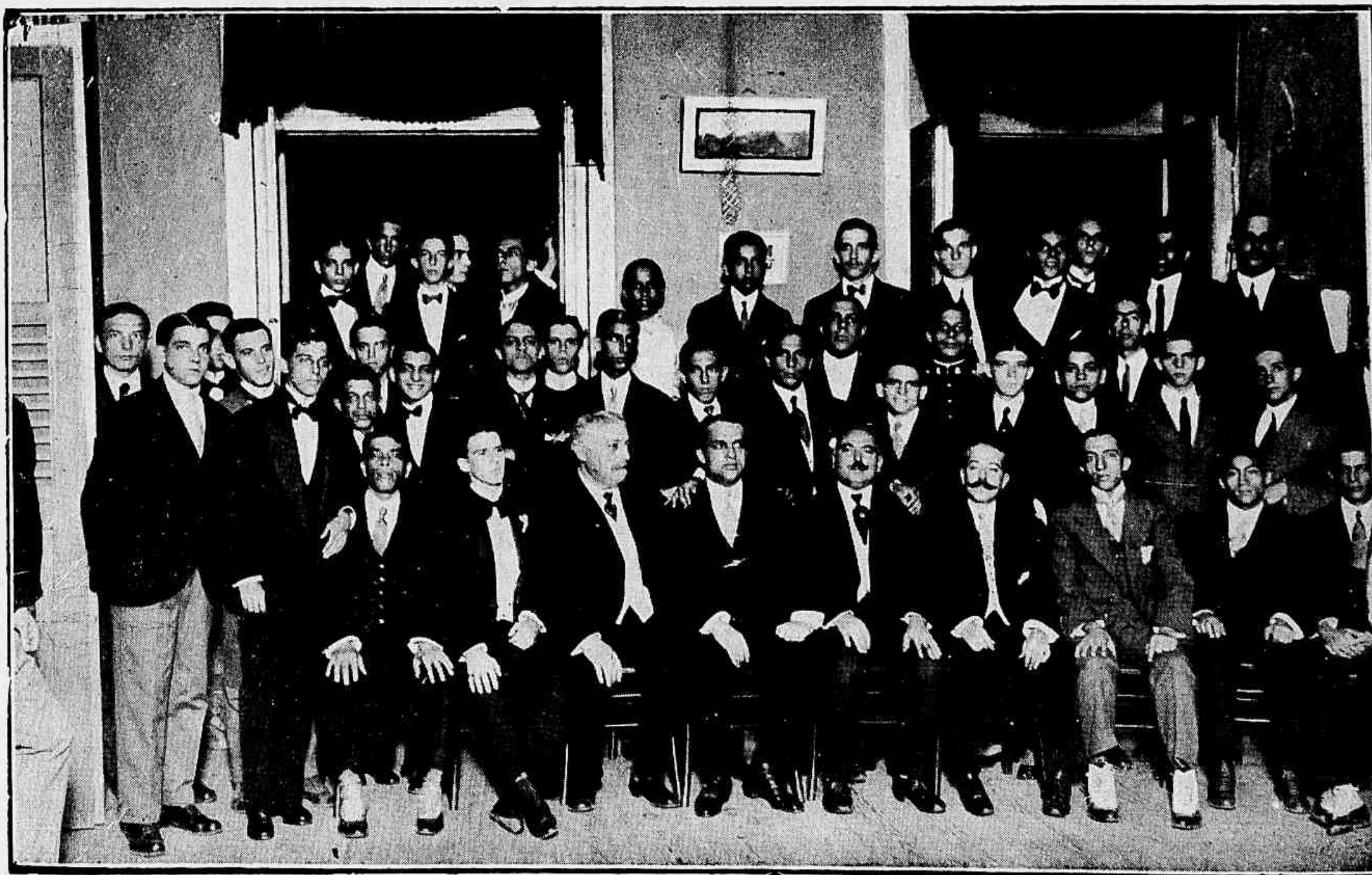
Delicias Conjugaes

— Estou impaciente por ver que presente me trará está noite meu marido quando voltar.

— Ah! Fazes annos hoje?

— Não; é que esta manhã nós brigamos.

FOOTBALL VILLA ISABEL CLUB

Senhoras e senhoritas que assistiram a festa intima realisada em a noite de 8 do corrente em homenagem á Directoria

Directoria do Foot-ball Villa Isabel Club, socios e convidados que assistiram a festa no dia 8 do corrente

NOTAS THEATRAES

Stella Pradel, uma das figuras mais sympathicas da troupe actualmente no S. José

Theatro Lyrico

A companhia dramatica do actor Felix Huguenet voltou a trabalhar nesta capital, indo occupar o theatro lyrico onde estreou no dia 7 com a comedia em 3 actos, *O Papá*, de Robert Flen e Caillavet.

×

S. José

O conjunto artistico que, sob a habil direcção do intelligente actor Alfredo Silva, trabalha actualmente no theatro S. José, depois da *reprise* do *Forróbódó*, *Jócotó*, e outras revistas que sempre agradam o publico frequentador desse theatro, tem em scena a nova revista *420*, de Armando Braga e Cruz Junior, musicada pelo maestro Costa Junior, meticulosamente ensaida e com uma *mise-en-scène* muito completa.

×

Trianon

Todas as segundas-feiras muda o seu cartaz e vai assim de semana em semana contando novos successos.

Tem agora em scena a interessante comedia *Receita dos Lacedemonios* em que o actor Augusto Campos tem, como sempre, agradado e feito rir a valer.

Seguir-se-á a peça *Ruinas* de Lindolpho Xavier.

×

A graciosa e intelligente Maria Lina, com surpreza geral, desligou-se do theatro Recreio, em cuja scena ainda está a revista *Ouro Sobre Azul*, de que é autora.

Grupo de artistas da Companhia Alfredo Silva actualmente no Theatro S. José,

MODAS E MODOS

A MODA ACTUAL NÃO CONVEM A TODAS AS IDADES

A condessa de Warwich publicou na *Pearson's Magazine* um sensacional artigo sobre a moda actual, e que teve larga repercussão nas rodas elegantes, pelos conceitos emittidos pela notavel e aristocratica escriptora verberando o exagero das saias curtas, tão apreciadas nestes ultimos tempos.

" As mulheres, disse a condessa em seu famoso artigo, acceitam e seguem sem discussão, e seja quaes forem, os dictames da moda, porque pensam que procedendo de outra fórma se collocam fóra da lei da sociedade e assim ellas ostentam saias, cujas barras ficam quasi ao nivel dos joelhos.

Com estas saias as mulheres de grande estatura parecem pequenas e as de estatura media parecem baixas e disformes. E' uma moda que convem exclusivamente ás ingenuas e nem todas as mulheres o são ".

Evidentemente... a saia curta vistida por uma senhorita formosa e joven além de ser pratica é encantadora.

Mas não é menos verdade, que a mãe dessa joven formosa e esbelta não poderá vestir-se do mesmo modo, sob pena de cahir no ridiculo.

Aliás, esta quasi prohibição não é novidade; existiu sempre e assim a comprehendiam com muito bom senso, as nossas avós, as quaes ao dobrarem o *cabo de certa idade*, renunciavam a todo e qualquer atavio juvenil.

Em compensação a maioria das mães quarentonas da nossa geração perderam a conta e a memoria de seus annos, enganadas sem duvidas, por esses *institutos de belleza* que offerecem elixires da eterna juventude, e por isso algumas vezes, involuntariamente tem commettido a leviandade de apparecerem nas ruas e reuniões chics com toilettes iguaes ás de suas filhas, esquecidas por completo que ás saias *cloche*, curtas, tão curtas como se estão usando, só convêm ás mocinhas, esbeltas, vivas, saltitantes.

A guerra continua a ter uma decidida influencia sobre a moda, que voltou a buscar inspirações nas silhuêtas dos uniformes militares.

Reappareceram em Paris, nas avenidas, theatros e restaurantes gentis senhoritas ostentando combinados os uniformes *kaki* e o *bonet* escossez; a blusa marinheira e o gorro naval; a guerreira e o amplo chapéo adornado com o classico penacho de pennas azues, evocador das glorias do resurgimento italiano.

O chapèo *bersagliere* é a ultima novidade, como o são tambem as gollas bordadas com insignias militares entre as quaes prevalece a estrella alada dos aviadores militares.

Tudo isto é pittoresco e artistico, mas... tudo isto é incompativel com *certa idade femenina* de que já falamos.

Deixemos aos caprichos e á garridice da juventude as innovações e extravagancia da moda actual.

◇◇◇

Elegante costume para passeio, jaqueta e saia de tres pannos em gabardine.

CHAPÉOS

Com a chegada da estação estival voltam de novo e felizmente, os chapéos de grandes abas que resguardam os rostos formosos e delicados dos raios solares, dando ao semblante um meio tom de sombra encantadora.

Os chapéos de abas de palha e copa de seda com poucos enfeites estão muito em voga.

Temos visto tambem bellissimos chapéos em piqué, taffetá e musselina de seda.

Na "Maison Fleurie" as nossas elegantes leitoras encontrarão os mais chics modelos.

◇◇◇

Conservação da belleza da pelle

E' optima esta receita:

Vaselina . . . . 100 gram.
Parafina liquida. . . . . 25 ,,
Baunilha . . . . 0,1 ,,
Essencia de rosas, a quantidade que se quizer.

Unta-se o rosto á noite.

A agua da flôr de sabugueiro, usada para fazer desapparecer os signaes produzidos pela variola, tambem se emprega com sucesso para conservar a belleza da pelle.

◇◇◇

Conservar e desenvolver a belleza e brancura das mãos

Faz-se uma decocção de saponaria num litro d'agua, até ficar reduzida a um terço. Passa-se por um panno fino. Depois da lavagem ordinaria das mãos com sabão, faz-se uma pasta com miolo de pão e fricciona-se a pelle fortemente durante alguns minutos.

Tambem se usa glycerina perfumada com essencia de flôr de laranja.

Alice

TOILETTES PARA PASSEIO

Casaco e saia de tecido em xadrez branco e preto ou em combinação com seda lisa, saia de quatro pannos.

Vestido para tarde, de sarja fina ou chifon, com jaqueta de raso com enfeites de soutache, golla e peitilho de musselina branca; saia de quatro pannos.

Vestido para passeio muito elegante em gabardine lisa, taffetá azul, casaco cintado e cinto da mesma fazenda.

TOILETTES PARA BAILE E THEATRO

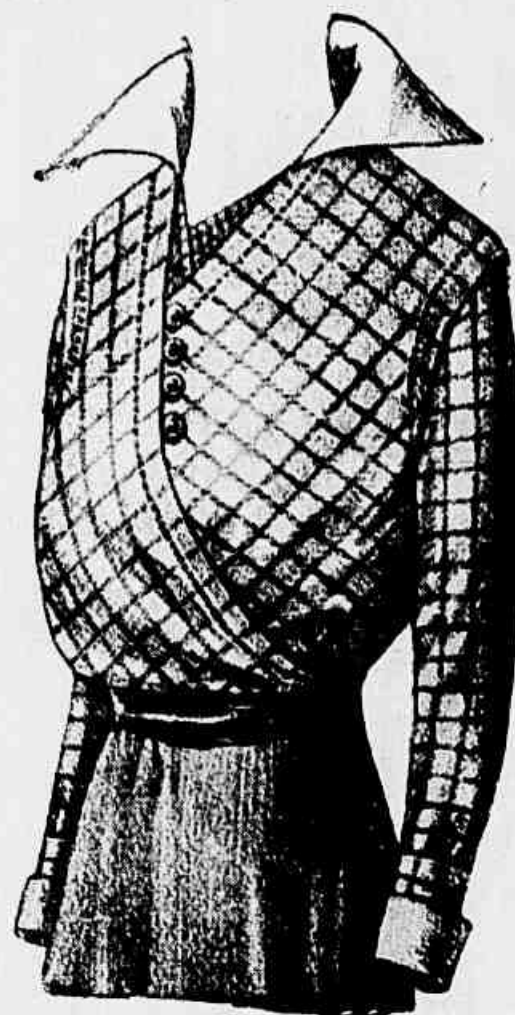
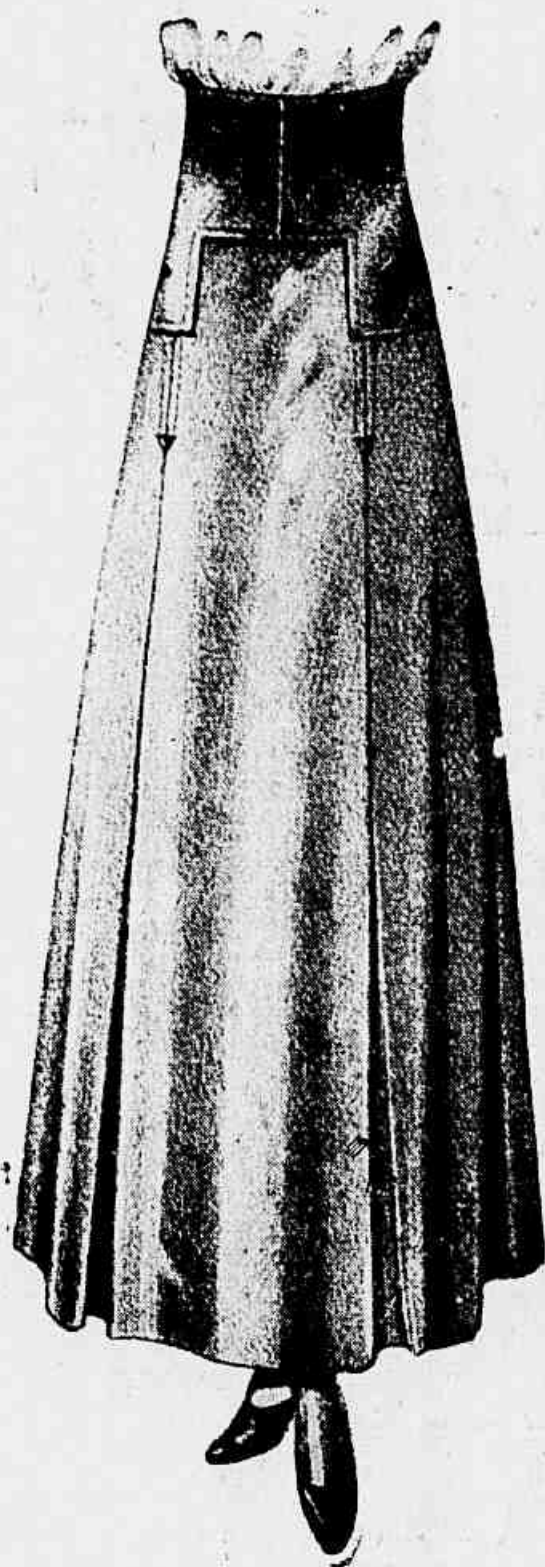
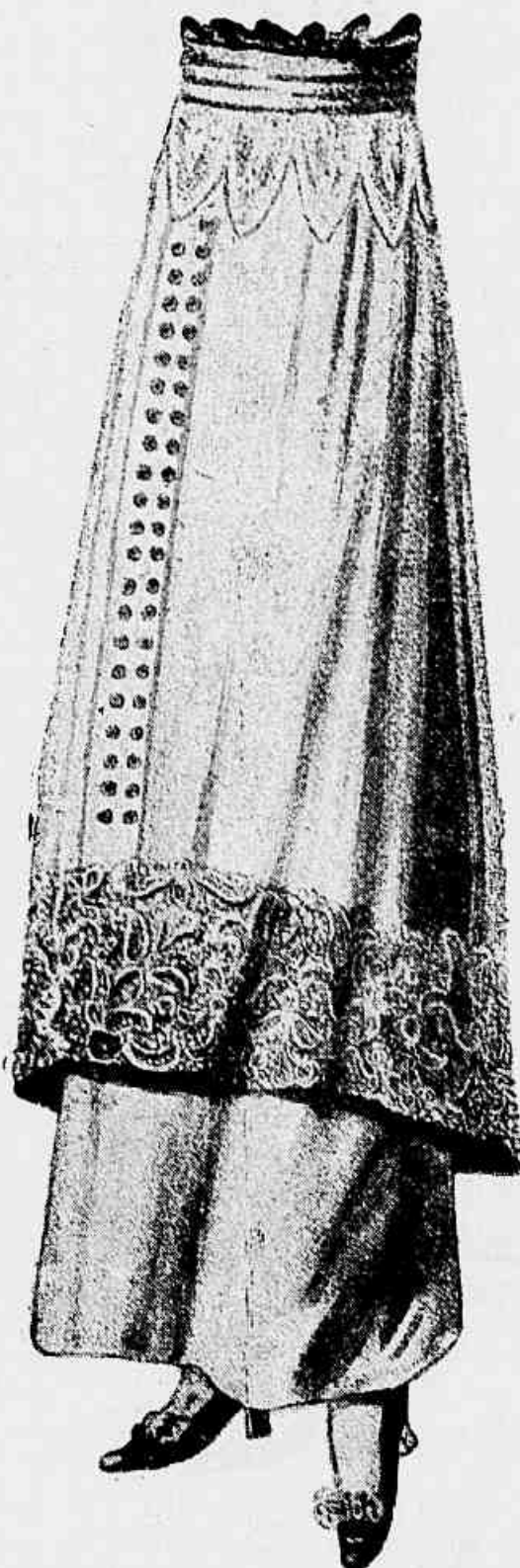
Vistosa toilette em taffetá, chiffon ou crepe da China, setim, etc., em combinação, com volante curto, saia de tres pannos, enfeites de rendas.

Toilette para noite (baile ou theatro) em tule fantasia, linon ou crepe de sêda com *manteau* em setim ou velludo estampado.

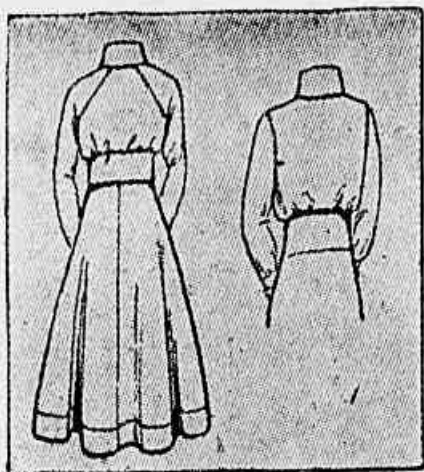
Radiante toilette em chiffon ou linon plissado em combinação, grande decote, tunica em ponta com guarnição de sêda e passamanaria.

BLUSAS E SAIAS

Blusa a marinheira em musselina batiste ou nanzuk

Blusa-bolero em taffetá com enfeites de renda

Blusa justa em tecido xadrez, escossez, meio traspasse, golla branca alta e canhões brancos nas mangas

Saia de tres pannos em gabardine, pregueada á frente

Saia de seda com tunica de voile e enfeites de rendas ou bordados

Saia lisa, de sarjinha ou cheviotte azul marinho com tunica da mesma fazenda

As uitimas creações da casa Butterick

Toilette em drap fino, sarja ou taffetá em combinação com setim ou seda; saia de quatro pannos.

×

Blusa em seda japoneza, crépe da China, ou cambraia bordada, guarnecida de bordados finos feitos a mão.

×

Blusa em setim, linon, crepe de sêda, taffetá ou crepon, com volantes da mesma fazenda e golla de musselina.

×

Toilette em popeline ou crépe da China em combinação com sêda de côr differente e linon plissado; saia de tres pannos.

Torneio Charadistico

Segundo torneio. — Solução dos problemas publicados no n. 29: Consulta, Argemiro, Adeus, Paulatina, Amazonas, Rosaria, Santa Helena, Bagagem, Orama-amaro, Lina-anil, Maria-ria, Amor-móra, Orar-raro, Osculo lhano e ethereo.

Decifradoras; Ailez, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Junulino, Melpomenes, Menina de Chocolate, Roitelet, Rosa Pernambucana e Verde Stelo: 13 pontos; Clio, Mercês e Zilda; 12 pontos; Izabel Aguiar 11 pontos; Carolina da Fonseca: 8 pontos; Pasquinha; 5 pontos; Mlle. Alzira; 4 pontos; Antonietta Mandarino, Irna, Singela e Mar Dag: 1 ponto.

Terceiro torneio. — Premio ás duas decifradoras que alcançaram maior numero de pontos e a autora do melhor trabalho.

Problemas ns. 34 e 35

Enigmas

RAM BO

Garota Nonicia.

F D:O IZO

Euterpe.

Problemas ns. 36 a 41

Charadas novissimas

2—2 — Toca para a serra o rebanho, do contrario elle se afogará no rio.

Ruth Villa Flor.

1—1 — Sapinho verde faz raiva.

Maluquinha.

2—1 — A mulher traz preso a saia o animal que lhe vigia a vivenda.

Nemrac Ladiv.

2—2 — O passaro que o homem conduz parece um homem tambem.

Stella Garcia.

1 $^1/_3$ — $^1/_3$ 2 — Com a grega navega um artista.

Verda Stelo.

3—1 — *Carrega* com o malevolo para o deserto.

Aspasia de Mileto.

Problemas ns. 42 a 44

Charada syncopada

3—2 — O regimen é felicidade.

Mercês.

3—2 — O representante do bispo tratou-se com este emplasto.

Roitelet.

3—2 — Crustaceo é nome de uma fazenda fina.

Clio.

Problemas ns. 45 a 47

Charadas casaes

Escutei o Padre Olympio,
Quando pregava um sermão,
Affirmar que *homem impio*
Não merece *protecção*. — 3 —

Noemia B.

Responda quem bem quizer
O que agora aqui pergunto:
Por que será que a *mulher*
Tem receio de defunto? — 3 —

M. d'Angouléne.

2 — O pinto dança de negro.

Menina de Chocolate.

Problemas ns. 48 a 50

Charadas médias

4—2 — Este paiz tem o aspecto do corpo humano.

Carolina da Fonseca.

5—3 — No palacio d'um saudoso e illustre brazileiro come-se esta fructa.

Farfalha Azzurra.

4—2 — Sou boa porque nasci aqui.

Chrysanthéme d'Or.

Problema n. 51

Charada auxiliar

DÓ — é pena? Não, senhor; é maneira
MÁ — é ruim? Não, senhor; é fructa
RÃ — é animal? Não, senhor; é epocha
DE — é preposição? Não, senhor; é armadilha.

Conceito: Poeta francez.

Pasquinha.

A votação do melhor trabalho do *Segundo Torneio.* — Continuamos ainda a receber votos até 15 do mez vindouro.

CORRESPONDENCIA

Nemrac Ladiv — Ha sempre alguma demora de nossa parte, devido a revista ser quinzenal. Pedimos perdão pela delonga da resposta.

Noemia B. — Muito nos orgulha a collaboração de tão distincta collega. Até que emfim, chegou...

Ruth Villa Flor e **Luci** — Recebidas as inscripções das gentis collegas com especial agrado.

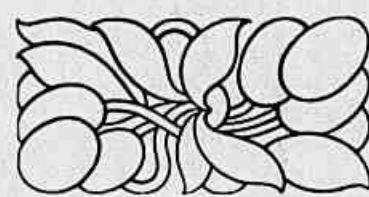
M. d'Angouléme. — Inscripta. Esquecestes de nos enviar a residencia, que solicitámos.

Olympique — Trio (Losy — Athy — Betty) — A bella trindade, deusas desertadas do Olympo, tem cordial recepção nesta casa, que não possue o delicioso manná que existe naquelle recanto celeste. O prazo é de vinte dias. O quarto torneio será iniciado no proximo numero. Publicaremos as condições.

Junulino e **As Tres Graças** — As gentis collegas nos abandonaram? Pensamos não merecer tal desaggravo. Voltem, que as saudades são muitas.

Balbina Garcia da Silva, Colibri, Maluquinha, Mercês, Chloris, Menina de Chocolate, Pequitita, Verda Stelo, Ailez e **Chrysantéme d'Or.** — Recebemos.

Farfalha Azzurra. — E a justiça e a confiança? Não nos foi possivel attender o que nos solicitastes.

ORAMA.

Benjamin Cilento, nosso distribuidor na Gloria, Santo Amaro e Cattete, um bom auxiliar do *Jornal das Moças*

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ....

Leiam a revista "A GUERRA EUROPÉA"

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
15—10—915

SONETOS

UM DESEJO

A' Ottilia

Quando meu beijo calido deponho
Nesta tua mãosinha delicada,
Presinto que minh'alma transportada
Vôa ás alturas celicas do sonho.

E vives neste beijo eternisada
— Angelical visão que recomponho
Neste viver nostalgico, tristonho,
D'esta minh'alma sempre desprezada.

Quizera eternamente dos teus beijos
Fazer sublime hostiario de desejos
— Na communhão de amor, bella e divina.

Mas, o — desejo meu — o mais ardente,
E' beijar estes olhos loucamente...
— E' beijar esta bocca pequenina...

1915

Rose D'Amour.

IGUAES

Ha risos perfumados e ha gemidos
De mistura na voz da multidão :
Si um labio ri, soluça um coração,
— Por toda parte anceios não contidos!

Si num peito palpita uma canção
E nuns olhos ardores definidos,
Ha noutros olhos prantos resequidos,
Ha noutro peito maguas... afflicções!

Si de um lado a existencia se resume
No goso, no prazer e na alegria,
E' de outro lado um tragico queixume.

Si numa alma sorri doce esperança,
Ha noutra o desespero, a morte feia...
....
No mundo o riso, a dôr contrabalança!...

Carangola, 19/9/915.

Flavio Leal.

ANTIGOS SONHOS

Ao Benjamin Costa

Dos meus dourados sonhos de creança,
Dos meus sonhos dourados, infantis,
Eu guardo a mais angelical lembrança
Que me torna hoje em dia inda feliz.

Em relembral-os já não mais se cança
Minha mente, pois cada um d'elles diz
O que foi essa sorte... linda e mansa
Sem dias tristes... sem manhãs febris...

— Ah! quanto eu déra por inda sonhar
Como outr'ora sonhava, antigamente
Em que meus lindos sonhos povoar

Vinham principes, reis, princezas, fadas
De risos tristes e de olhar dolente
Por noites lindas e enluaradas...

Salomão Cruz.

PARA O RETRATO

Como lhe fica bem essa brancura,
Assemelha uma flôr toda coberta
De neve, de mais limpida frescura,
Ou uma rosa num jardim aberta.

A luz de seu olhar é de candura,
Parece estrella que do céo desperta
Só para illuminar uma alma escura
De outra alma triste que vagueia incerta.

Embora com aspecto tão tristonho,
Tão meiga e tão gentil, ella parece
A branca flôr que vive descuidada.

Para as creanças apparece em sonho
Uma visão assim, acho que desce
Do céo, entre a brancura d'alvorada.

Lavras — Minas.

J.

VELHO ARVOREDO

Para Joaquim Maldonado

Velho arvoredo em cuja fronde altiva
Poisa das aves o canóro bando!
De sol em sol na doce alternativa
De flores e de fructos se engastando!

Na inconsciencia da paz vegetativa,
Um por um teus botões iam brotando
Vês! E um por um, com magoa pungitiva,
Vês, teus fructos do seio irem tombando!

Nós nos unimos pela indifferença!
Tu nas flores que vão e eu na chimera
Que arrebatada vae pela descrença!

Tambem minh'alma vae de sol em sol,
— Pedindo um sonho — a cada primavera!
— Pedindo um canto — a cada rouxinol!

Manoel de Moura.

ADORMECIDA

A Arnaldo Nunes

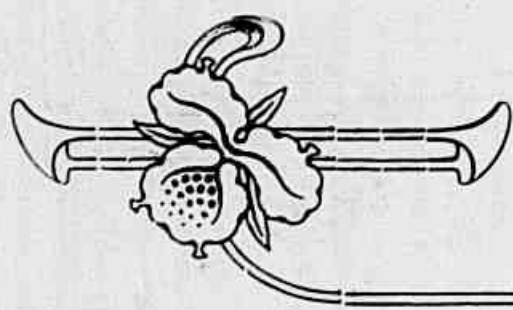
Na rêde suave de setim rosado,
Dormes, as mãos de neve comprimindo
O cabello de treva desnastrado
E o seio branco, velludoso e lindo.

Sonhas... talvez um sonho vago, infindo;
Talvez um sonho venturoso e amado.
Vejo teus labios de carmim se abrindo
Qual lyrio no sereno perfumado.

Como é sublime o somno azul-celeste
De uma virgem ternissima, que veste
Da castidade a tunica de arminho!

Este teu somno lembra-me, formosa,
No hastil sonhando uma innocente rosa,
E aves dormindo no frouxel de um ninho.

1915.

Hermano Bruno.

DAGMAR

POLKA

Por Francisco Escudero

PIANO

p

FIM

1. 2.

F

1. 2.

p

1. 2.

D. C. ao 𝄋

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Maria de Almeida Pereira—Ha falta de alguns ns. para completar a collecção.

Dyla—Desta vez não pode ser.

Uma leitora assidua — Não custa nada. Não nos compromettemos a devolver.

L. P. S.—Engana-se redondamente, e nesse caminho vai mal.

Marietta — Não nos convem dar conselhos sobre o assumpto de sua consulta, porque depois fazem as pazes e nós é que... ficamos mal...

Raphael— Grazy é o pseudonymo de uma amavel e gentil leitora do «Jornal das Moças» desde o começo da sua publicação; aliás, esse pseudonymo é a abreviatura do seu nome proprio, que recorda a heroina de uma bem conhecida novela de Lamartine. E é só, o que lhe podemos adeantar.

D. F. Macedo—O seu trabalho "A' Mulher" contem alguns descuidos grammaticaes que precisa corrigir.

Constante leitor—Recebémos sua cartinha sem o retrato a que se refere.

Nair Pinto—Teremos muito prazer em publicar os postaes a que se refere, quando elles chegarem ás nossas mãos.

Alfredinho—Publicaremos com pequenas alterações.

Sino—Sentimos muito, mas não pode ser attendido. Os versos «A' Edith» não estão máos, mas não servem para o «Jornal das Moças».

Valmar Coelho Pinto—Com muito prazer.

L. T.—Publicamos o postal.

Camargo de Castro—Recebémos e agradecemos as gentis referencias.

Paulo de Mattos—Com grande satisfação; a honra é toda nossa...

Justiceiro—Não publicamos por ser pessoal de mais.

D. M. G.—Não servem os seus versos.

Telmo—A sua poesia «Olhos Negros» tem alguns versos errados.

José L. R.—O seu trabalho «Lembra-te de mim», contem versos que não obedecem ás regras da metrica; lembre-se de estudar um pouco e volte, querendo.

O. S. B.—Porque não procura cuidar mais do estylo e da metrificação de seus versos?

Hugo Motta, Almir Donuque, Maria Apparecida, Ordalia Moreira, Ciumenta, Moacyr Hugo Macedo, Esdras Faria, Martins Gomes, Erico Curado—Recebidos e acceitos com especial agrado.

J. Maceió—Está fraquinho o seu trabalho «Missa do Gallo» e precisa alguns retoques, mas o outro «Illusões de amor» está melhorsinho.

Damastor Aferreira— O seu soneto poderia ser publicado si não se resentisse de tanta falta de metrica os respectivos versos.

O Nazareno Brito—Porque não escreveu as suas producções de um lado só do papel?

Mario Gomes—Muito sem côr o seu trabalho em flor; o sr. tem geito, mas deve apurar mais o estylo...

Campos do Valle—Bons os sonetos.

Baptisado de uma boneca na residencia do Snr. Antonio Nunes Valente, (o que está assignalado) negociante em Fortaleza, Estado do Ceará, (reproduzimos este cliché por ter sahido com a legenda errada).

Os males da noite

Porque a Noite induz ao isolamento, á separação, traz em si o caracter sombrio do mal.

Na linguagem franceza "nuisible", nocivo, prejudicial, damnoso, vem de "nuire" e "nuire" vem de "Nuit", noite, como entre os latinos, "nocens" ("nuisible") é tirado de "nocere" e "nocere" de "Nox", noite, pois a Noite é nociva.

Durante o interregno das trevas, uma influencia nefasta estende-se por sobre a natureza.

O principio da "desordem" parece apoderar-se da terra. Dahi, o temor do demonio nocturno, as narrações sobre o Espirito Malfasejo, tão communs ás regiões da aurora, sob os céos esplendidamente estrellados dos tropicos e as sombrias atmospheras dos polos.

Senhorita Idalice Ribeiro

Em toda a parte, á noite, a familia alarma-se, assusta-se facilmente.

O medico e o enfermo receiam e temem igualmente a Noite. O soffrimento exaspera-se, a excitação redobra e o perigo impera.

Desde que espalham as sombras, os hospedes timidos dos bosques procuram um abrigo para passar a Noite. O passaro escolhe com cuidado o seu pouso. Os animaes domesticos, deixados em liberdade, instinctivamente acolhem-se ao nosso tecto. Durante a Noite, as plantas maleficas envenenam as uteis; durante a Noite, os insectos devoradores infestam os jardins, os vergeis; a vibora fabrica o seu veneno, o sapo baba as flores.

E' a hora em que se recreiam os mais hediondos animaes, os morcegos, os vampiros; em que campeiam as aves de rapina e serpeiam os reptis venenosos e sentem-se em perigo os animaes servidores do homem, com o assedio dado aos pombaes, aos redis, aos curraes, ás cocheiras, pelos animaes carniceiros e ferozes que fogem e se escondem á luz do dia.

As trevas são propicias ás hyenas e ao bandido que se compraz com o crime.

As serpentes e os crocodilos volumosos deixam os rios e os lagos e vêm para as suas margens entregar-se á sua obra de pilhagem assassina.

Durante a Noite, perde-se o viandante e segue tranquillo o salteador. O bandido e o pirata trabalham com desassombro. O deserto é sulcado de terrores e o oceano de perigos.

O pavor estende-se pelas ondas, emquanto sobre a terra a perfidia, a vingança e o crime caminham com passos cautelosos. O crime opera livremente e multiplicam-se tres vezes mais que durante o dia.

E' a hora da escalada, do roubo sacrilego, do rapto, do assassinato. O homem, sentindo-se mais isolado, dentro da Noite, está bem proximo de ser vencido. O proprio somno lhe traz terrores e perigos com seus phantasmas e suas visões sinistras.

E' a hora em que a insomnia febril dá accesso á volupia e a febre do orgulho se accende, e a ambição aguilhôa mortalmente o coração do homem.

Sob este imperio nefasto, o delirio espontaneo manifesta-se com mais frequencia. O furor e a mania invadem sobretudo o cerebro, quando, ás vezes, a deploravel resolução do suicidio é posta em execução.

A influencia da noite, reparadora para toda a natureza, age perniciosamente para com o homem.

SYLVIO.

Entre as nuvens de um sonho

A' quem me entende.

Vem! A estrada tantas vezes percorrida em doces devaneios, pela minha louca phantasia, é-me conhecida. Declina o dia numa tristeza suave e scismadora. Lá na curva, o solitario prado envolve-se dum argenteo e pallido esplendor. O céo purissimo em um doce rossicler é apenas cortado pelo vôar das andorinhas, que ora ondulam no ar, ora mais celeres que o vento, precipitam-se num breve arco sobre a terra.

O ar tepido, vagamente perfumado, indicio da proxima Deusa corôada de lilaz, — a Primavera — beija ternamente a terra. Não sei se já sentiste doçura mais intensa, que a do beijo de zephiro tão leve.

Como se alarga o horizonte, mudo nesta poetica noite de luz. Mais se parece a uma faixa dum rendal de prata.

Vem! O passo languido sobre a herva ainda quente das caricias do sol, não se ouve, e nem se agita o simo das arvores, pelo perpassar da brisa tão leda. Somente, longe bem longe, entre saudades e melancolias, o gemer plangente dum campanario supplica pelos mortos.

Oh! como tudo é tão solitario.

Desce a noite. O negro penedo e as montanhas destacam-se e impregnam o ar, velando o longinquo horizonte. Vem! Attendeste afinal ao meu chamado e ao de toda esta immensa natureza! Caminhemos...

Vês?em breve surgirá a lua, magestosa acompanhada dos que amam, então, num novo encantamento, sonharemos andar, por um aereo mar todo de meiguices. Apraz-me a tarde, leve e rosado ninho que espalha uma terna e indefenida claridade, porém, apaixonadamente mais a noite, densa nuvem onde se funde quasi o confuso sonho da vida. Mas, tu não falas e eu igualmente pensativa, vencida pela mysteriosa quietude de tudo, calo-me.

Não sabes definir o intimo sentimento, nem explicar a força que nos conduz.

Não é preciso.

Fala por nós o immenso arco do céo, este estonteante perfume que se evola do prodigo coração das flores, e nossas almas a uma paisagem fluctuante nas nuvens dum sonho!...

SACKUTI.

Senhorita Nuciata Longordo

Errata. — Na poesia *Morte de uma Virgem* sahiu por engano «corolla de flores» por «corolla de flor», «Luz que já não vê entre o pranto», por «Luz que já não vê por entre o pranto», «Deus fez-lhe anjo que remonta ao céo» por «D[illegible]us fez-lhe um anjo que remonta ao céo».

AS ROSAS

As rosas são os labios da primavera, parecem boccas dizendo cada uma a sua côr: uma falla timidamente do branco, outra tagarella sobre a rosa, aquella além discursa sobre o vermelho. Ha as pequeninas e alegres, innumeras, desabrochando juntas, á extremidade de um galho, como um fogo de artificio em dia claro; outras brancas, delicadas, não querem viver separadamente, mas assim juntas parecem collegiaes, uma familia de rosas casadeiras. Aqui está uma, flava, radiante, tão cheia de luz que se gostaria de pôl-a ao lado do livro, á noite, como uma lampada. Ha algumas, diaphanas, feitas para os jardins dos conventos; a gente pensa que ellas jejuam, que se mortificam, para que tornassem menos carnal a sua belleza.

Outras, claras e debeis, acariciam apenas a alma com o seu perfume delicado, como se fossem feitas para serem dadas aos doentes, para levarem docemente o primeiro prazer aos convalescentes, a quem uma emoção forte demais prejudicaria. Mas estas outras, exhuberantes de força, cujo perfume transforma os corações, são as rosas dos amantes. Apoiadas no seu leito de folhas, ellas estão em concilio de rainha e de odaliscas; o ar cerca-as com respeito, ellas se adornam com os seus bellos adereços de gottas de orvalho.

Dão-se-lhes nomes que, ás vezes, é o de uma fidalga, ou de um artista, ou de um heróe ; é muito bem feito e penso que não pode haver mais encantadora forma de gloria; mas, ás vezes, o baptismo é menos feliz, e causa não pequena surpreza, quando se chega junto de uma dessas princezas perfumadas, e se descobre que ella se pavoneia com um nome burguez.

Mas, que importa? O que as torna incomparaveis, é que cada uma dellas é a analogia de um typo de mulher e que se pode observar nellas a metempsycose de todas as grandes amorosas. Esta, que se inclina com uma languidez tão seductora, é uma mulher solitaria que chora muitas vezes; aquella, alaranjada, que exhala tão violento perfume, é uma morena ardente; esta outra, de um escarlate coagulado e de um desespero tão opulento, não posso crer, apezar do seu lettreiro, que ella se chame "O senhor tabellião Fulano", é Dido na sua fogueira; a sua visinha, de um rosa um pouco duvidoso, de um perfume um tanto falsificado, é Emma Bovary; est'outra, pallida e divina, é a rainha Berenice.

A. B.

O AMOR

O amor é sementinha
Semeada pelo olhar
No fundo do coração;
E nasce com raizinha,
Vai crescendo sem parar
Como a arvore no chão.

Depois d'arvore frondosa
Cheia de seiva e de vida
Resiste até ao tufão;
E dá flores cor de rosa
Ou da rosa emmurchecida
Por alguma ingratidão.

E para tirar-lhe a vida
Precisa um esforço immenso
E bastante agilidade;
Da raiz entristecida
Sempre nasce, creio e penso,
Uma tristonha saudade!

Lavras — Minas

Dulce Dolores.

D. Maria da Encarnação Duarte Sande, esposa do Sr. Francisco Duarte Sande, nosso collega de imprensa

PORQUOI ?

Si la joie s'en va de l'âme,
Si l'amour s'en va du Cœur,
Pouquoi donc souffler la flamme?
Si quelque feu vous inflamme?
Pourquoi donc croire au bonheur?

Pourquoi vivre d'éspérance
Si les ans s'én vont aussi?...
Tout disparaït à outrance!...
Rêves, ambitions, croyance,
Tout s'envole et tout s'enfui!

Le malheur seul est fidèle :
S'il vous prend dès le berceau,
Dans sa constance éternelle,
Ombre indécise et cruelle,
Il vous suit dans le tombeau.

Rio, 20-9-915

Antonio Ribeiro

PAGINAS INFANTIS

Qual a melhor quadra da vida?

Ao meu irmão Luciano

HA na vida tres quadras bem distinctas: Infancia, mocidade e velhice, cada qual com suas dores, paixões, prazeres e aspirações bem diversas.

Si a infancia pudesse antever-se na velhice ou mesmo na mocidade, sentiria horror de si mesma, pois veria que algumas dezenas de annos seriam sufficientes para transformal-a de modo inversamente daquella risonha idade.

A infancia é a quadra feliz, em que o innocente passa descuidado. Para a creança não ha futuro e o passado é como se jamais existisse; ella só conhece o presente, por isso a infancia é feliz.

Para a creança a vida se resume nas ternas caricias de seus paes e nos seus innocentes folguedos; o seu despertar é como o do passarinho descuidado que sem temer o traiçoeiro tiro do intrepido caçador, chilreando desperta e saltitando de ramo em ramo, trinando ternos gorgeios passa a curta existencia.

Tão repleto de felicidade é o viver infantil, que gradualmente, sem perceber a innocente creança vae abandonando os brinquedos e quantas vezes a si propria indaga: "Por que já não me attrahe a boneca? Porque prefiro o convivio dos salões ao correr e saltitar nos prados? Porque prefiro não saborear a doce manga, a ter que ir buscal-a na grimpa da frondosa mangueira?"

E' que, creança, terminada está a tua infancia e entras agora na quadra difficil e ingrata da mocidade.

Mocidade — quadra das illusões, afflicções, preoccupações. Nesta quadra a creança de outr'ora, já começa a prestar attenção a tudo que até então lhe era indifferente; compartilhando da dor ou alegria que lhe cerca; vem a preoccupação do futuro; canceiras e trabalhos insanos nos estudos e... muitas vezes desillusões! Suas lagrimas não são como as da infancia, já são lagrimas de amargura por terem a nascente no coração.

E' a quadra repleta de aspirações. Nessa idade aspira-se glorias e não poucas riquezas. Ainda bem que, a essa quadra tão tormentosa, tão ingrata, succede a calma e bem-vinda velhice.

Ah! a velhice é a quadra feliz! Depois da descuidosa infancia, após a tormentosa mocidade a velhice!

Nessa quadra, o ancião já cançado de longos annos de luta, descança, e então com os olhos voltados para o Altissimo agradece esse longo viver.

Entre as tres quadras, na minha opinião, a melhor é da infancia.

Emma M. Alvares de Azevedo.

O menino Newton, de um anno de idade, filhinho do Snr. Gastão de Ormor e Silva, residente em Barbacena—Minas

Amelinha, (2 annos), filha do Snr. Alfredo Fernandes

A interessante menina Zenaide de Brito Macedo

MARIPOSA

Vôa, vôa, mariposa,
D'azas de ouro e de carmim,
Vae libando, pressurosa,
A ambrosia deliciosa
Dessas flores do jardim!

O interessante Walter amiguinho do «Jornal das Moças», filho do Snr. José Mendes, residente em S. Christovão

Vôa, corre, vae ligeira
De uma flor a outra flor,
Pois a bella jardineira,
Pr'a ter-te prisioneira,
Te persegue com ardor.

A menina Yára, filha de D. Elizabeth Jordão, professora no Meyer

Corre, corre, mariposa
E, voando sem cessar,
Pela mãosinha mimosa
De creança tão formosa
Não te deixes captivar!

Pobre creança, coitada!
Do vergel até ao fim
Foi correndo tão corada,
Pelo brilho deslumbrada
De umas azas de carmim!

Flor mais querida entre as flores,
Ah! que não saibas jamais
Que todos esses primores
De tuas iriantes cores
São ar, são pó, nada mais!

Mariposa, volta, attende!
Foge a quem perseguir-te ousa.
O que seu labio desprende
Não ouças, que ella te prende,
Insensata mariposa!

E a creança tão formosa
Um descuido aproveitou:
Em sua mão tão mimosa
A pintada mariposa
Prisioneira ficou.
....

Pobre creança, coitada!
Do vergel até ao fim
Foi correndo, tão corada,
Pelo brilho deslumbrada
De umas azas de carmim!

Ah! agora, em luta insana,
Chora e pergunta:—*Onde estaes*?
E, abrindo a mão de sultana,
Como a creança se engana,
Achando pó' nada mais!

As intelligentes meninas, Stella, Mariquinhas e Nativitalina Couto, filhas e neta do Sr. Coronel Theophilo S. do Couto, residentes em Sto. Antonio da Grama

Ah! creança, não mais chores
Desengano tão profundo,
E oxalá sempre ignores
Que são enganos maiores
As *mariposas* do mundo.

(Trad.)

MARIA

Traduzido especialmente para o "Jornal das Moças" pela nossa illustre collaboradora Grazy

"O nome da Virgem Maria, diz Santo Antonio de Padua, é mel para os labios, melodia para os ouvidos e alegria para o coração".

Effectivamente, a idéa que se liga a esse delicioso nome é tal, que, desde que um christão o pronuncie ou o escreva, sente despertar em seu coração os doces échos de divina poesia e de ineffaveis transportes de reconhecimento e de amor.

Este nome, como nenhum outro, paira, radioso, por sobre os seculos e emquanto todos os outros que a gloria lança para o futuro, se abysmam nas ondas do tempo, este, circumdado de divina auréola brilha sem vacillações acima de toda a humanidade como um astro bemfasejo.

Os que o escolheram por entre as expressões metaphoricas e brilhantes da linguagem oriental, já haviam previsto a tua gloria futura, ó Maria!

Teus paes, ao nono dia de teu nascimento, pensaram sem duvida, quando te chamaram "Miriam", que quer dizer "estrella do mar", que effectivamente serias para a humanidade o astro de um dia novo; que serias collocada no céo como uma luminosa estrella, afim de ficares apontando a estrada immensa da eternidade!

Nada escapa ás solicitudes da Providencia e desde o começo dos tempos, Deus te guardava esse tão doce, tão suave e tão harmonioso nome!

A que estarias reservada em seus designios?

Depois da quéda dos nossos primeiros paes, Deus havia promettido que uma virgem conceberia aquelle que teria de redimir a raça humana. Os povos, disseminando-se pelo globo, tinham guardado a lembrança dessa promessa. Todas as theologias fazem menção de uma virgem mãe, quer falem disso como de um facto realisado, quer como de uma simples esperança.

Fo, o deus dos indianos, para salvar o mundo, encarna-se no seio de uma virgem, a noiva de um soberano, por elles considerada como a mais pura e a mais formosa das mulheres.

A deusa mais idolatrada entre os chins concebe pelo contacto de uma flor.

Buddha deve a existencia a uma virgem chamada Maha-Mabai.

Os brahmanes dizem que quando um deus se encarna, desce para o seio de uma virgem para ahi operar o poder divino.

Os druidas viviam na doce espectativa desse milagre.

Desse modo, essa revelação primitiva atravessou as revo-

A MORTE DE UMA VIRGEM

Mal chegara da vida a primavera
Dos brandos sonhos, dos anceios castos,
Da morte surge logo a sombra austera
A seguir-lhe de perto os tibios rastos.

A corolla de flores, ah! mal se abria
Para os beijos do sol, para a visão
Doce e radiosa do mais claro dia,
Ao sereno bater do coração!

Do amor em torno, os colibrys dourados
Vinham de manso já beijar-lhe o seio.
Borboletas dos sonhos encantados
Volitam já desse esplendor em meio.

Das illusões o languido bafejo
Sussurrava em redor,
E ao seu tão brando e tão suave beijo,
Estremecia a flor.

Mas em manhã de inverno, erma e sombria,
Cheia de brumas, surge o vento forte,
Que os arbustos e as flores abatia
Numa furia de morte.

Essa, que tão risonha e tão faceira
Sorria ha pouco á luz, irmã das flores,
Scismando sonhos para a vida inteira,
Da invernia cedeu aos vis rigores.

Veio a parca colhel-a assim ás pressas,
Do destino cruel ao golpe rude,
Tão cheia de illusões e de promessas,
Por entre os roseraes da juventude.

O tufão infernal do mal tremendo
Fal-a tombar do hastil,
Mal ia amanhecendo
Na vida dessa flor meiga e gentil.

Que amargo pranto, que tristeza infinda
Por entre as outras flores,
Quando a suppunham tão viçosa ainda
E viram-n'a por terra e já sem cores!

Era da pobre mãe o doce encanto,
A luz dos seus mais refulgentes dias,
Luz que já não vê entre o pranto
De suas horas tristes e sombrias.

Era tão boa e meiga a pobresinha,
Que quando cahiu morta
Da redondesa soluçando vinha
Gente e mais gente p'ra chorar-lhe á porta!

Desceu a cova de capella e palma,
De noiva morta leva o branco véo.
Risonha ainda... Com certeza d'alma
Deus fez-lhe anjo que remonta ao céo.

Ricardo BARBOSA.

luções dos imperios, seguindo os povos nas suas longinquas migrações.

Si a tradição se ia perdendo ou obscurecendo cada vez mais por entre as trevas da idolatria, nem assim deixava de manter-se como um monumento de crenças antigas e de promessas divinas.

Mas havia um povo, em meio do qual o pharol da revelação brilhava sem cessar em todo o seu esplendor — era o povo judeu.

Sua historia figurava e predizia o futuro, suas poesias encerravam verdadeiras prophecias.

A cada instante, vozes inspiradas se faziam ouvir nas montanhas. Prodigios sem nome eram realisados no seio dessa nação prophetica, que aguardava com a maior certeza a vinda de um libertador nascido do seio de uma virgem.

Já uma vez, uma virgem chamada Maria, velando por um berço precioso que as ondas ameaçavam de tragar, tinha contribuido para a libertação de seu povo, pois sem ella teria Moysés compartido da sorte desses desgraçados innocentinhos que a barbaria dos egypcios condemnava a morrer logo aos seus primeiros vagidos.

Que mais soberba e bella imagem de que se deveria realizar dois mil annos mais tarde, quando a virgem mãe do Salvador, ajoelhada aos pés de um berço, velava pela humanidade que Deus cobria com todas as suas graças e protecção! Essa recordação historica devia surgir aqui com seu prophetico emplema. Tudo nella se revelava: o mesmo nome de Maria, o berço ameaçado pela barbaria de Pharaó, como o de Jesus o foi pela de Herodes.

Ha na vida das mães, quando Deus determina que seus filhos lhes fechem os olhos, dois momentos supremos em que o amor maternal brilha em toda a sua magestade.

O primeiro é o do nascimento de seu filho ao lado de seu berço; o segundo é á cabeceira de seu leito de morte. Quando uma mãe véla assim pela agonia de seu filho, considera-se infortunada; entretanto, ella recolhe os seus ultimos beijos, os seus ultimos olhares, seus ultimos suspiros. Póde derramar o balsamo de seu amor sobre as dores cruciantes que amarguram esses ultimos instantes e tornal-os menos dolorosos; póde enxugar as suas lagrimas ou derramar as suas proprias sobre a fronte escaldante do filho a morrer; póde dizer baixinho as doces e derradeiras palavras da ternura maternal, da saudade, dos ultimos adeus até á eternidade.

Pobre della! Não aconteceu assim com a mãe de Jesus Christo! Elle não morreu nos braços da desolada mãe, envolto nas puras consolações de seu amor.

Pobre mãe! Viu-se reduzida a seguir, até ao ultimo supplicio, aquelle a quem ella amou tanto! Si a fé a sustem, o amor maternal a despedaça, porem Deus é ao mesmo tempo seu Filho, que supporta em sua humanidade todas as dores de que nossa fraca natureza é susceptivel.

Pobre mãe! Quem poderá contar os soffrimentos de que seu amantissimo coração foi assaltado emquanto ella se mantinha de pé ao lado dessa cruz fatal onde seu pobre e grande filho agonisava!

Grazy.

PROSA E VERSO

A MULHER

A mulher, disse o saudoso escriptor brazileiro Aluizio Azevedo: "tem encantos, mas o homem tem real belleza.

Nos encantos da mulher ha todos os perturbadores mysterios da volupia terrestre, mas na serena e macula belleza do homem ha sempre um quê de divino e sagrado."

***

E' que o incomprehensivel não se define.

E' que o mysterio do amôr reside na palavra convencedora, na palavra que envenena, do sêr superior — o homem.

Mysterio ou não, razão, força, vontade, attractivos, maneiras estudadas, a mulher nos convence, nos anima, crê, jura, chora e ri ao mesmo tempo, supplica, ajoelha-se, amaldiçôa, e . . . no seu rosto de virgem, divisamos um mundo de contentamento e goso. E nisto reside o encanto que nos perturba.

O homem, como força superior, representa a sciencia, as grandes invenções, o dominio e tudo o que de elevado ha no mundo.

E nisto reside a sua "serena e macula belleza". A mulher, como encanto, domina, e no seu dominio conduz o homem, que obedece, a sorte de todos os caprichos, até vencer duas vezes.

Neste caso, representa o verdadeiro papel de Divino Mestre, creando um outro mundo mais bello.

Raul Loureiro Filho.

PEZAR

A' B.

O mesmo céo nos cobre,
nos beija a mesma brisa,
o mesmo chão que pisa
seu pé, pisa o meu pé;
o que Ella vê, eu vejo,
do que Ella gosta—eu gosto,
mas o seu gosto — aposto
igual ao meu não é...

Eu gosto d'Ella mais
que o beija-flor — do ninho,
que o triste—de um carinho,
que o sol — do mar sem fim;
e Ella... gosta de tudo
que a Natureza encerra:
—do mar, do céo, da terra,
mas... não gosta de mim...

Rio, Setembro de 1915.

Arminio de Lima

TORTURA

A' Mignonne.

Comprehendo agora, Mignonne, e é por isso que o meu coração está triste e magoado.

Sem querer, vi o passado ir gradativamente e em silencio doloroso cahindo no olvido e o futuro que sonhei radiante parecer-me um enorme e insondavel abysmo com as bordas escarpadas.

O sonho que tive e alimentei foi o de um cerebro insensato. Sonhára, Mignonne, que loucura sublime! erguer o meu amor com as confissões e illusorias phantasias ao apogeu da magna felicidade. Engano somente...

A nobreza d'alma, a bondade do coração sincero, a gratidão e a pureza de um amor leal, vão depôr na alma d'aquelle cujo estado do coração está minado profundamente pela ambição e villeza, pela falsidade, ingratidão e falta de caracter muitas vezes, o amor hypocrita que tão bem soube fingir e dedicar ao crente amante que n'elle confiou, julgando-o sincero, constante e duradouro.

A desillusão, Mignonne, é a maior tortura do coração e da alma.

Rio, 5—4—1915.

Lohëngrin Oargo

CRAVOS VERMELHOS ! ! !

Ao M. C. de P.

Cravos! Quem compra cravos? E ia a pobre rapariga com uma braçada d'essas flores, vermelhas como os seus labios e humidas como os seus olhos.

Quasi não podia andar, o frio tolhia-lhe os movimentos, e sentia o peito como uma brasa. Mas tinha que andar muito, muito... Passavam por ella olhavam-na com dó, mais seduzidos pela sua belleza, do que pelas flôres que offerecia.

Via-se-lhe através dos andrajos um corpo fino, e delicado, feito talvez para viver no meio das rendas e dos carinhos...

Seus olhos negros, e profundos como essas noites escuras pareciam dizer toda a vida de vergonhas e soffrimentos d'essa infeliz.

Sua vida! ? Oh! quasi como de todas as infelizes . . , Um dia de primavera risonho e calmo... no tempo em que as boninas, abrem nos campos e as andorinhas voam... seguiu para o paiz das chimeras, aquelle a quem amava mais do que a vida.

Nos primeiros tempos vivera feliz . . . sim, muito feliz . . . Mas depois!! Esse a quem tinha dado a sua felicidade, a sua alma pura e sincera de um coração sem mancha tornou-se o amante feroz, brutal.

Fel-a descer, degrau a degrau, a escada negra da vergonha . . . e queria com a ambição feroz de amante, achar dinheiro, quando voltasse, alta noite, bebado de absinto, que sempre encontram á farta pelos botequins que frequentam.

Ella ia exhausta de cançaço e de fome... Faltaram-lhe as forças . . . deixou-se cahir n'uma valeta . . . queria chamar . . . implorar . ,. mas ninguem . . . a rua era escura, e a neve a cahir, cahir, como flôres da mesma côr.

Os cravos pareciam mais frescos com a friagem da neve... Seus labios abriam-se e encontraram as flôres... as suas companheiras que desappareciam com ella, sem deixar saudades.

A sua vida tinha sido quasi como a das flôres . . . E foi com satisfação que ainda pôde sorrir feliz, para essas flôres vermelhas como os seus labios, e humidas como os seus olhos ! ! !

Maria d'A.

ORPHÃO E CARIDADE

—Meu senhor, uma esmolinha !
—Não pode ser, vae com Deus . . .
—Onde vais tu creancinha,
E que sonhos são os teus?
A tua mãe já morreu?
Não tens ninguem, pobresinho?
—A minha mãe está no céo,
Fiquei no mundo sozinho.
—Tens fome? Assim maltrapilho! . .
—E tenho frio de mais . . .
—Vem d'ahi serás meu filho,
Outra mãe em mim terás ! . . .

Antonio Ribeiro

DE TUDO UM POUCO

Cultivo de orchideas

Dispõem-se em quadro 4 toras de "canella de ema" juntando-se as extremidades duas a duas e passando em cada angulo assim formada um fio de arame grosso, passando-se com outros pedaços o espaço formado.

Superpõem-se mais, do mesmo modo duas ou 3 camadas, enchem-se os intesticios com musgo e fixa a planta em cima. Tem-se-n'a á sombra e regada e os resultados não se fazem esperar.

A canella de ema aqui vegeta abundantemente na encosta leste da cadeia de serras sita a nascente desta cidade, onde o terreno é formado de quasi uma lage unica, ferruginosa, tendo apenas meio palmo de terra. Logo acima da sua emergencia do sólo, (40 cent. mais ou menos) vae-se dividindo em galhos cobertos de escama que se dispõem em 4 ou 5 helices ascendente e onde se prendem as folhas que vão cahindo a medida que a planta se desenvolve de modo a occuparem um espaço sempre constante na extremidade do ramo.

A planta queima com facilidade devido a uma resina de que se acha empregnada, desprendendo um aroma agradavel.

Os galhos mais velhos perdem as escamas e são formados de fibras resistentes e se prestam á fabricação de pinceis para pintores.

Tem a vantagem de não se apodrecer, podendo-se sem receio nelles collocar uma planta de desenvolvimento demofado como o são as orchideas.

A pratica tem demonstrado que a maior parte das orchideas deve ser disposta em pedaços de madeira de casca muito rija, ou melhor, sem casca, afim de impedir consecutivas transplantações sempre prejudiciaes ás plantas.

Os vasos de barro que se fabricam em São Paulo, especialmente para esse fim, prestam-se admiravelmente ao plantio das grandes orchideas que em plena florescencia são retiradas da serra para ornamentarem o interior, alpendre e janellas da nossa casa.

Como apoio ás orchideas plantadas nesses vasos devem dar-se pedaços de carvão vegetal, de telhas ou tijollos reunidos a fragmentos de madeira; neste caso o musgo tem a sua applicação, mas tão somente para auxiliar a esthetica.

◆◆◆

Significação dos nomes dos planetas

Jupiter — "senhor do casamento"; Marte — "corpo vermelho"; Venus — "brilhante"; (Sukra) e "senhor dos titans" (Daitya-guru); Mercurio — (Budha) "senhor" (Ranhinêza) "filho da nympha Robine", esposa da lua (Soma); Saturno (Sanaistschara) "que se move lentamente"; Urano (ouranos), "céo".

◆◆◆

Para refrescar a pelle

Põe-se em um vaso de porcellana uma porção de pepinos brancos ralados com iugal quantidade de azeite doce muito fino. Bota-se em banhomaria e meche-se até levantar a fervura.

Em chegando a esse ponto tira-se o vaso do fogo e passam-se os pepinos por uma peneira. O azeite que fica volta ao fogo com uma nova porção de pepinos ralados, igual ao seu volume, depois do que se torna a repetir a operação acima até seis vezes, e depois põe-se em vidros, ou potes, com uma pequena camada de vaselina pura em cima, para impedir o contacto do ar, nos que tiverem de ser guardados.

Esta pomada assim preparada é optima para evitar as rugas em geral e especialmente das mãos e para curar as espinhas e rachaduras da pelle.

◆◆◆

Leis entre os povos barbaros

Para os saxões o homicidio de um nobre era punido com a pena de 1.440 soldos de indemnisação e a de um homem livre com a de 120 soldos apenas, o mesmo pelo da mulher casada e o dobro pela da virgem.

Conspiração contra o monarcha, pena de morte e a mesma pena para de roubo de um cavallo, de um cortiço de abelhas e de um boi de quatro annos.

Quem quizesse casar, pagaria 300 soldos aos paes da noiva e o dobro, si casasse sem o consentimento destes.

◆◆◆

Gallinhas que comem ovos

Um defeito bem grande de muitas gallinhas e que incommoda o criador da mesma forma como arrancar e comer as pennas é o vicio de comer os ovos.

Gallinhas, uma vez viciadas, não deixam mais ovo nenhum intacto, até ellas esperam perto do ninho da sua companheira para comer o ovo recemposto.

Varios são os modos para tirar este vicio.

Descobrindo-se o defeito logo no principio, bastará quasi sempre collocar os ninhos num logar meio escuro.

Um outro meio são tambem os ovos artificiaes de porcellana. Encontrando a gallinha somente ovos tão duros geralmente em pouco tempo abandonará o o vicio.

O antigo processo de se cortar ou queimar o bico da gallinha traz sérios inconvenientes, a começar pela enfermidade que pode produzir essa operação.

◆◆◆

A origem das fructas

O abricó foi trazido para a Europa da Armenia, as cerejas, do norte da Asia Menor; a cidra da Media (Asia Antiga), a avelta do Porto (Asia Menor); a castanha, de Catana, povo da Magresia, na Thenabia; a amendoa, de dixersos pontos da Asia; a romã, da Africa, segundo alguns autores, segundo outros, da ilha de Chepie; as azeitonas, os figos, as peras e as maçãs, da Grecia; a ameixa e a orardoroo da Syria; a nóz e a alpeche da Persia; o marfmello, da ilha de Creta (Cidon).

Conta-se que nos jardins que possuia Carlos Magno, se cultivavam todas estas fructas.

A lyra

São tão frequentes, principalmente em obras poeticas, as allusões á lyra, apezar de não existir já este instrumento que não nos parece desacertado dar aqui uma resumida idéa delle, segundo o que se pode colher dos escriptores e monumentos antigos.

A lyra, do effeito de cujos sons tantas maravilhas e fabulas se contam, era um instrumento musico, composto de uma caixa ou tambor, sobre o qual, passavam cordas, provavelmente collocadas como as cordas da harpa ou de um psalterio.

Não podemos dizer que se parecia com uma viola porque o braço desta lhe dá uma superioridade de que os antigos não tinham idéa alguma.

O tocador da lyra tinha na mão direita um arco como o do violino, porém mais curto e um par de dedaes no pollegar e indicador da mão esquerda: com estes vibrava uma das extremidades da corda, para tirar um som agudo e immediatamente tocava com o arco. Outras vezes corria alternadamente as cordas e fazia que vibrassem em cheio. Este modo de tocar mudou com o augmento succcessivo do numero das cordas, cada uma das quaes dava differente som. Entre os romanos, no tempo de Augusto, a lyra tinha sete cordas, na sua origem entre os gregos, tinha apenas tres.

◆◆◆

Criação de gallinhas

Enxofre só no verão

O enxofre em pó, que é muito util dar ás gallinhas misturado na comida blanda durante a muda das pennas, não é conveniente administral-o no inverno, porque faz abrir muito os poros da pelle, tornando-as susceptiveis de constipações.

◆◆◆

A melhor hora de trabalhar

Pela manhã, o nosso organismo se sente mais equilibrado do que em hora mais avançada do dia. E' pela manhã que melhor se effectuam e se realisam os trabalhos intellectuaes, os trabalhos que exigem imaginação abundante e energia de concepção, porque esta acóde, quasi sempre, até ás onze horas. O homem sente-se mais forte, ainda que de modo quasi imperceptivel, nessa hora, do que nas da tarde, principalmente até ás tres.

Este ponto culminante da energia cerebral só se alcança duas vezes durante as vinte e quatro horas do dia, porque ás cinco da tarde volta a refazer-se a força muscular. Dahi por diante declina mais e mais até ás duas ou tres da manhã, hora em que se póde dizer que recomeça a encher-se a maré da energia.

Como se sabe que nem todos os organismos obedecem ao mesmo regimen, devido ás suas varias disposições, o que aqui fica dito é considerando apenas como regra geral, devendo haver muitas excepções.

Extravagancias de homens celebres

Carlos V da Hespanha tinha grande predilecção pelo dia de S. Matheus por ser o dia de seu nascimento e dos grandes successos de sua vida.

Luiz XIII de França não podia supportar a presença de pessoas de cabellos vermelhos, o mesmo se dando com Luiz XIV em relação ás pessoas de cabellos cor de cano.

Schopenhauer odiava as mulheres e os judeus.

Theophilo Gautier não se atrevia a pronunciar o nome de Offenbach com receio de ficar com molestia dos olhos.

Alfieri, o poeta italiano, aborrecia os medicos que eram para elle, inclusive o que o curou, uns asnos.

O poeta Favoriti não podia supportar o perfume das rosas.

◆◆◆

Manteiga historica

Na bibliotheca de Belfast (Irlanda) foi depositada uma marmita de pedra, encontrada recentemente na praticagem das hormagueras de Bellimberry.

O pucaro ou marmita estava hermeticamente fechado, não sabemos por que processo e substancia, contendo manteiga fresca, não obstante haver estado sepultado durante varios seculos; mas, pouco depois de posta ao ar, estragou-se.

Isto prova que as oxydações e as fermentações não podem dar-se sem o concurso do ar, assim como sem elle não podem existir nem homens, nem plantas, nem animaes, nem microbios. O oxygenio é necessario para a vida e para o trabalho.

◆◆◆

A culpa do primeiro casal humano

A palavra "culpado" ("sons") é simples, por consequencia, primitiva.

A palavra "innocente" ("in-sons") é composta, por consequencia, posterior, derivada.

"Culpado" é, portanto, o estado normal, ao passo que "innocente" é sahido da primeira linha, da regra geral.

A preposição "in" exprime exclusão, a exterioridade, a separação, o afastamento do estado primitivo. Evidentemente, estas palavras não tendo significado, a principio, senão a infracção da lei, não attestam mais que uma culpabilidade involuntaria, isto é, a derivada do Peccado Original.

Constituindo a justiça a regra geral das acções, é normal. A prioridade da justiça está expressa no seu proprio nome; a "in-justiça" surgiu depois.

Entre varios povos da familia indo-germanica encontram-se ainda hoje os seus equivalentes. Em allemão, "sons" tornou-se "shon". Do latim este vocabulo passou para a bocção saxonia.

Em inglez, "sons" significa "filhos". No velho francez, que primava pela franqueza, o nome de "culpado" accrescentara ao de creança.

Ao tempo de Clotilde de Surville, o "pequerrucho" de suas poesias era chamado commummente "enfansons", composto de "enfant" e de "sons", derivados das duas palavras latinas "infans" que não fala ainda, e "sons" culpado, isto é, culpado antes de falar.

De modo que, querendo dirigir uma expressão graciosa ao seu nenê, a ama chamava-lhe "creança culpada", constatando, sem o saber, o seu primitivo estado sobre a terra.

◆◆◆

O frio como restaurador do cabello

Os que desejam ter bom cabello e crescido, é só seguirem para as regiões polares, porque, segundo parece, o frio excessivo é um dos melhores remedios para fortalecer o cabello.

O explorador Sir Ernesto Shakleton declara que todas as pessoas que o acompanharam na sua exploração ao polo artartico, excepção feita de um ou dois, regressaram á Europa com uma cabelleira magnifica, apezar de nenhum delles recommendar-se antes por esse adorno, o que demonstra que o frio fortalece o systema capillar.

Um medico londrino, ouvindo a respeito dessa particularidade, como explicação scientifica, disse que attribue o facto á ausencia absoluta de germens e impurezas na atmosphera das regiões antarticas.

Por outro lado, o director de uma companhia de camaras frigorificas de Londres disse que não ha calvo algum entre os seus operarios, mas sim que todos elles possuem cabello forte e abundante, sem duvida por trabalharem sempre numa temperatura muito abaixo de zero.

◆◆◆

O arsenico

O arsenico é encontrado nas minas do Japão, Italia, Portugal e Hespanha.

Além de ser um veneno muito activo, possue muitas outras propriedades.

Na Austria, as mulheres do campo o usam, em grandes quantidades, em uso externo e interno, empregando-o tambem, com grande esperança de exito, na limpeza e frescura da pelle.

Os homens tambem fazem uso desse metalloite com a idéa, muito erronea certamente, de que assim terão as suas forças organicas muito augmentadas.

◆◆◆

Estatua valiosa

A estatua de maior valor do mundo é a do deus Daithusu, em Iokoama, no Japão. Tem vinte metros de altura, pesa 400 toneladas e contem cerca de 250 kilos de ouro.

◆◆◆

Fecundidade das sardinhas

As sardinhas (arenques) reproduzem-se com uma fecundidade acima de qualquer imaginação. A producção de ovos chega a 60.000.

RECEITAS

Sopa paraguaya

Cosinha-se feijão cavallo até se desmanchar bem, juntamente com duas ou tres cebolas pequenas. Passa-se tudo pela peneira e despeja-se, depois, em cima a agua em que se ferveu o feijão; junta-se então um pouco de manteiga, dois ou tres cravos da India, uma pitadinha de pimenta do reino e despeja-se tudo bem quente na sopeira sobre fatias de pão torrado, e serve-se.

◆◆◆

Arroz dourado

Põe-se em uma panella a porção de arroz que se quizer preparar, com agua e pouco sal; logo que fique cosido tira-se do fogo e bota-se um pouco de manteiga por cima, depois batem-se alguns ovos, conforme a quantidade do arroz e deita-se em cima do arroz que vai então ao forno brando, por alguns instantes.

◆◆◆

Creme de queijo

Tres chicaras de queijo ralado, 9 ovos sendo 4 sem claras, 3 chicaras de assucar, 3 chicaras de leite. Unta-se a forma com manteiga e vae ao forno quente.

◆◆◆

Roscas da Rainha

Cem grammas de fermento, 12 ovos batidos com um copo de assucar, 1 chicara de chá de canella, bem forte, 3 colheres de manteiga e 3 de gordura derretida; a farinha quanto baste para endurecer os ovos. Deve ser feito á noite. No dia seguinte junta-se a manteiga, a gordura e mais farinha, amassa-se bem e bota-se em forma para assar.

◆◆◆

Sonho de Celi

Em meia garrafa de leite a ferver misturam-se 200 grammas de maisena, sal, 1 colher mal cheia de manteiga; façam um angú bem duro. Deixem esfriar e vão amassando com 4 gemas uma a uma e por ultimo, uma clara batida em neve, com uma colher deitem para fritar em banha e depois pulverisem com assucar e canella.

◆◆◆

Creme de limão

Nove ovos, batem-se as claras, depois as gemas, 10 colheres de assucar, 1 limão ralado, 1 colher rasa de maizena, 1 garrafa de leite, vai ao forno em formas untadas de manteiga ou assucar queimado em banho Maria.

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 16 A 31